

ARTHUR AZEVEDO E MOREIRA SAMPAIO

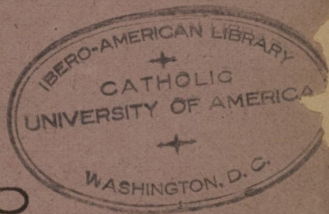
COCOTA

REVISTA COMICA DE 1885

EM 3 ACTOS E 14 QUADROS

MUSICA DE

CARLOS CAVALIER



1.^a EDIÇÃO

LIVRARIA DEMOCRATICA
DE
LOPES DE SOUZA & IRMÃO

121 RUA DE S. JOSE 121
COMPRAN-SE E VENDEM-SE
LIVROS NOVOS E USADOS

Encontrase nesta casa, por modicos preços
grande sortimento de livros, tanto collegias como
de litteratura, sciencias, etc., etc.

RIO DE JANEIRO

3.

REVISTA ANTERIOR A MONTEA SAMPALD

COCCOTA

REVISTA COMIDA DE 1888

EM ALGUMAS PARTES DO BRASIL

REVISTA DE

CARLOS CAVALIER

1.º ANO

REVISTA DE

REVISTA DE

1888

COCOTA

REVISTA EM 4 ACTOS E 14 QUADROS

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no
theatro Sant'Anna, em 6 de Março de 1885.

ARTHUR AZEVEDO E MOREIRA SAMPAIO

COCOTA

REVISTA COMICA DE 1885

EM 3 ACTOS E 14 QUADROS

MUSICA DE

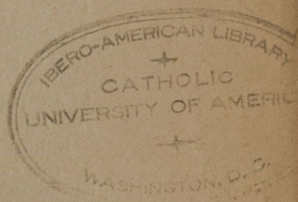
CARLOS CAVALIER

1.^A EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

Typ. Mont'Alverne, — editora, largo da Carioca, 3.

—
1885



PERSONAGENS

GREGORIO.....	SR.	VASQUES.
BERGAÑO	»	POLLERO.
CHRISPIM.....	»	LISBOA.
VENANCIO	»	PINTO.
ROMUALDO, JUPITER.....	»	AREAS.
SERAPIÃO, NEPTUNO, UM PINTOR } SPIRITA, O GAZ..... }	»	MATTOS.
UM FEITOR, THOMÉ.....	»	MACHADO.
UM JOGADOR DA TRANCINHA, UM } TRITÃO, DR. ALCATRÃO, UM } ABOLICIONISTA, UM JOCKEY, O } DOUTOR, UM CANDIDATO..... }	»	SANTOS SILVA.
UM PROFESSOR SUSPENSO, UM CRIA- } DO TISICO, UM APOSTADOR DE } CORRIDAS, UM VENDEDOR DE } PEIXES..... }	»	ANDRÉ.
OUTRO TRITÃO, UM ORADOR, OU- } TRO ABOLICIONISTA, OUTRO } APOSTADOR DE CORRIDAS, UM } CAPADOCIO, UM HOMEM DO POVO }	»	FELIPPE.
OUTRO JOGADOR DA TRANCINHA, } OUTRO ABOLICIONISTA, UM PRO- } PRIETARIO DE CAVALLOS, UM JA- } NOTA, OUTRO HOMEM DO POVO. }	»	ADELINO.
UM AMIGO, UM GAROTO.....	»	J. DIAS.
UM INTERPRETE.....	»	BOLOGNA.
DR. PHENOL.....	»	FORTI.
UM JANGADEIRO.....	»	CEZAR.
UM GUARDA.....	»	DIAS.
COCOTA.....	D.	IZABEL.
MERCURIO, A ARTE NACIONAL } O PAIZ, A ACTRIZ HERMINIA..... }	»	HERMINIA.
QUITERIA.....	»	MATHILDE.
O ANNUNCIO.....		Mlle. DELSOL.
A PUBLICAÇÃO A PEDIDO, UMA } NEREIDE..... }	D.	ADELAIDE.

Dr. Amoniaco, Dr. Caparosa, Dr. Bromureto, membros de uma commissão vaccinico-sanitaria; Barcellos, auxiliar da mesma commissão; Ganganelli; pessoas do povo, vendedores de jornaes, cocheiros, carregadores, urbanos, divindades marinhas, frades, soldados, espiritos, jockeis, apostadores de corridas, jornaes e periodicos emigrantes italianos, telegrammas, candidatos derrotados, etc.

ENSAIADOR, SR. JACINTHO HELLER.
REGENTE DA ORCHESTRA, SR. CARLOS CAVALIER.
SCENOGRAPHOS, SRS. FREDERICO DE BARROS
E HUASCAR DE VERGARA.

6322.

COCOTA

ACTO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

Sala na fazenda de Gregorio. — Ao levantar o panno, Gregorio e Bergaño estão a jogar a bisca á esquerda, Cocota está sentada entre ambos. — Gregorio tem um forte accesso de tosse.

SCENA PRIMEIRA

GREGORIO, BERGAÑO, COCOTA.

GREGORIO.

Maldita missa do gallo!

COCOTA.

Que é isso, dindinho?

BERGAÑO.

Que herezia, major!

GREGORIO.

Pois não sabem que foi ao sahir da matriz que apanhei esta tremenda constipação?... Estou aqui, estou tísico!

COCOTA.

Pois sim!

BERGAÑO.

Na sua idade!

GREGORIO.

Que tem a minha idade? E' tão critica como outra qualquer. E o peor é que por causa d'esta constipação não vamos, como ten-

cionavamos, passar o Reis na fazenda do barão de Piragimimbaua.

COCOTA.

Que pena! até já temos a mala prompta.

GREGORIO.

Fica para outra vez.

BERGAÑO.

Preste atenção ao jogo, si não quer levar capote.

GREGORIO.

Capote! Você não se enxerga? Ande! coma esta bisca!

BERGAÑO.

Obrigado! não tenho fome. Fica o trunfo reservado para coisa melhor.

GREGORIO.

Ah! não quer?... pois para quem não quer ha muito.

BERGAÑO, *apresentando o jogo.*

Tudo é meu... venha o resto! Agora, conte.

GREGORIO.

Espera lá! (*Contando o jogo.*) 2 e 10, 12, e 3, 15, e 11, 26, e 4...

COCOTA.

Trintá!... Rolha!

BERGAÑO.

Rolha!

GREGORIO.

Podéra! os trunfos encostados!... De mais a mais, seu Bergaño ficou com uma bisca que era muito minha...

BERGAÑO.

Perdão, major... sou incapaz de...

GREGORIO.

Com sua licença!... (*Examinando as vasas do parceiro.*) Esta bisca de copas era minha.

BERGAÑO.

Naturalmente!... Cortei-a com o valete de trunfo.

GREGORIO.

N'esse caso o valete é que era meu.

BERGAÑO.

Si fosse seu o valete, eu não jogaria a bisca!

GREGORIO, *inflammando-se.*

Mas quem jogou a bisca fui eu!

BERGAÑO.

Acredito! e eu o valete.

COCOTA.

Bom, bom, dindinho, não se zangue, que vem ahi o seu accesso de tosse!

GREGORIO.

E' que este seu Bergaño... Eu não levei rolha!

BERGAÑO.

Levou!

GREGORIO.

Não levei!

BERGAÑO.

Levou!

COCOTA.

Dindinho! seu Bergaño!...

GREGORIO.

Isto é de mais !... (*Dá-lhe um acesso de tosse. — Ergue-se, escarra e cospe n'uma escarradeira. — Com horror, apontando para a escarradeira.*) Oh !...

BERGAÑO E COCOTA, *erguendo-se.*

Que é ?

GREGORIO, *apontando sempre.*

Vejam !...

OS DOUS.

Que ?

GREGORIO.

Sangue !...

OS DOUS.

Sangue ?

GREGORIO.

Na escarradeira ! (*Passando á direita.*) Vou fazer o meu testamento !

BERGAÑO, *que se tem agachado, examina a escarradeira.*

Perdão, o senhor vê sangue, mas eu não vejo. O major está me parecendo um telegramma do Ceará.

GREGORIO.

Debalde tentará consolar-me... Estou perdido, estou tísico !...

SERAPIÃO, *que entra.*

Está tísico ?... Ora ainda bem !

GREGORIO.

Ainda bem ? !

SERAPIÃO.

Sim, porque chego muito a proposito.

SCENA II

OS MESMOS, SERAPIÃO.

GREGORIO.

Como assim, compadre Serapião? Traz-me alguma droga lá da sua botica?

SERAPIÃO.

Melhor do que isso, muito melhor! Trago-lhe a *Gazeta de Noticias*.

GREGORIO.

Quer que a tome em pilulas?

SERAPIÃO.

Não, que o tratamento seria muito moroso. Leia só o titulo deste annuncio!

GREGORIO.

Não tenho aqui os oculos... Leia você.

COCOTA.

Eu leio. (*Lendo.*) « A tísica pulmonar em seus diversos grãos e diferentes modificações e a herva virgiliana.— Grande descoberta scientifica e humanitaria. »

GREGORIO.

Mas que herva é essa?

SERAPIÃO.

Vae saber.

COPLAS

I

E' certa planta preciosa,
Que já salvou doentes mil;
Merece o habito da roza
Quem a mandou vir p'ro Brazil.
Remedio é tão extraordinario,

Que tem descido o obituario !
Não tem rival
Balsamo tal,
Não tem, não !
Na Côrte já não ha quem soffra do pulmão !

II

Na Côrte havia uma senhora
Tisica já no ultimo gráo:
Tinha os pulmões deitado fóra,
E parecia um varapáo.
Graças á herva abençoada,
Já gorda está, não tem mais nada!...
Não tem rival
Balsamo tal,
Não tem, não !
Na Côrte já não ha quem soffra do pulmão ?!

GREGORIO.

Pois si a herva virgiliana é tudo isso,
parto hoje mesmo, agora mesmo para a Côrte!

COCOTA.

Para a Côrte ! oh ! que bom !...

SERAPIÃO.

Não é preciso... Si está tisico...

COCOTA.

Está, está !...

SERAPIÃO.

Espere, que, dentro em poucos dias, terei
sortimento na botica. Vou fazer uma encomenda
para experiencia.

COCOTA.

Não, não !... vamos á fonte limpa, dindi-
nho... vamos á Côrte !... Com a molestia não
se brinca !

GREGORIO.

Tens rasão ! é não perder um instante. Felizmente temos a mala prompta.

BERGAÑO, *aparte.*

Ella na Côrte !...

GREGORIO.

O diabo é que eu não vou á Côrte ha quinze annos, e aquillo está agora muito mudado ... (*Com uma idéa.*) Ah ! já sei o que hei de fazer. Passo do Rodeio um telegramma ao meu amigo Venancio das Dores, que no meu tempo morava na rua da Guarda Velha, do lado do morro de Santo Antonio, quasi a chegar ao largo da Carioca... Queira Deus que ainda more na mesma casa ! (*A Cocota.*) Anda cá, menina... vamos ver si falta alguma coisa na mala.

COCOTA.

Sim, dindinho. (*Sahindo com Gregorio, a Bergaño.*) Ir á Côrte !... que bom !...

SCENA III

BERGAÑO, SERAPIÃO.

SERAPIÃO, *depois de uma pausa.*

Debate-se na *Gazeta* uma interessante questão, que me interessa, visto tratar-se de boticarios... Refere-se aos preparados da casa Grimault, de Pariz... (*Pronuncia como si o nome fosse portuguez.*)

BERGAÑO.

Deve ser Grimault...

SERAPIÃO.

Será... eu não aprendi a lingua parisiense.

BERGAÑO.

Mas pôde ter algumas noções da franceza.

SERAPIÃO.

Que franceza ?

BERGAÑO.

Da lingua franceza !

SERAPIÃO.

Ah ! tambem não aprendi. (*Pausa, durante a qual Serapião lê.*)

BERGAÑO, *sempre a passeiar.*

Mas, então, as taes drogas são falsificadas ?

SERAPIÃO.

Dizem uns que sim e outros que não... E' uma embrulhada que ninguem entende. (*Pequena pausa.*) O doutor Polycarpo continúa a annunciar a sua especialidade.

BERGAÑO.

Quem é o doutor Polycarpo ?

SERAPIÃO.

E' um medico septipatha, que inventou uma medicina nova — a septipathia.

BERGAÑO.

Ya lo creo !

SERAPIÃO.

Dizem, isto é, diz elle, que essa medicina é infallivel contra as feridas bravas.

BERGAÑO.

Bravo ! (*Deixando de passeiar.*) E sobre abolicionismo... que ha ?

SERAPIÃO, *sem tirar os olhos da Gazeta.*

Já você vem bolir commigo !... ,

BERGAÑO.

Simple curiosidade.

SERAPIÃO.

Vejo que se projectam grandes festejos para o dia 25 de Março, em que, no territorio do Ceará, ficará livre o ultimo escravo... por pataca e meia! Parece que um jangadeiro virá á Côrte receber as ovações dos vadios...

BERGAÑO.

Perdão ! dos abolicionistas !

SERAPIÃO.

E' a mesma coisa ! — Dizem até que vae haver kermesses... Fallar a verdade, eu ignoro o que isso é ; mas com certeza deve ser grossa patifaria.

BERGAÑO.

Ah ! ah ! ah !...

SERAPIÃO.

Ri-se ?... Pois ria-se... na certeza de que, quanto ao tal abolicionismo, não tomo nada !

BERGAÑO.

Prefere a herva virgiliana !... Sua alma, sua palma !

SERAPIÃO.

Sim, senhor !... porque eu estou convencido, como disse um estadista notavel, que, para o negro, a verdadeira liberdade é a propria escravidão ! Pena tenho eu que não esteja nas minhas mãos, como disse um outro estadista...

BERGAÑO.

Notavel ?

SERAPIÃO.

Notavel, sim, senhor !... Todos os estadistas são notaveis !

BERGAÑO.

Lá isso é verdade !... Si não fossem notaveis, não seriam estadistas !

SERAPIÃO.

Pois é ! Como são notaveis antes de ser estadistas, quando são estadistas, são estadistas notaveis. Mas não me interrompa ! — Pena tenho eu que não esteja nas minhas mãos restituir aos senhores dos ingenuos a propriedade de que foram esbulhados pela lei de 28 de Setembro ; (*Inflammando-se.*) essa lei barbara que obriga um homem a educar pequenos que não são seus filhos, e que, si são seus filhos, não são seus escravos !

BERGAÑO.

Oh !

SERAPIÃO.

Sabe que mais?... Já lhe tenho dito um milhão de vezes que não me falle em semelhante assumpto ! Si quizer discutil-o comigo, entre para o club da Lavoura e Commercio da Sacra Familia do Tinguá, do qual sou indigno 2º secretario. Vá ouvir um discurso do nosso presidente, e si depois não mudar de opinião...

BERGAÑO.

O presidente é estrangeiro como eu. . nada tem que ver com isso. Elle que vá vendendo o seu café : já não faz pouco !

SERAPIÃO.

Meia duzia de homens como aquelle, e eu lhe diria com quantos páos os abolicionistas haviam de fazer uma canôa!

BERGAÑO.

Diga antes — uma jangada!

SCENA IV

OS MESMOS, COCOTA.

COCOTA.

Está prompta a mala. Seu Serapião, dindinho manda pedir-lhe o favor de chegar á sala de jantar, para lhe mostrar uma abobora enorme que se colheu esta manhan. Quer leval-a para a Côrte e expol-a na rua do Ouvidor, como raridade.

SERAPIÃO.

Lá vou. (*Quasi a sahir, voltando-se.*) Olhe, D. Cocota... convença a este hespanhol que negro é negro e branco é branco!

SCENA V

BERGAÑO, COCOTA.

BERGAÑO.

Então, Cocota, você vae para a Côrte?
(*Cocota abaixa a cabeça.*) E eu ?...

COCOTA.

E você o que, seu Bergaño ?

BERGAÑO.

E eu ?

COCOTA.

Você espere que a gente volte... Nós não vamos ficar lá!

BERGAÑO.

Nada! isto assim não me serve! Você lá pela Côrte, com seu padrinho...

COCOTA.

Então seria melhor que fôsse sozinha?

BERGAÑO.

Não digo isso; mas...

COCOTA.

Não tenha medo... lá não ha lobishomens!

BERGAÑO.

Mas ha coisa peor, talvez!... Aquillo é um inferno!... Não póde uma senhora passar pela rua do Ouvidor, sem ouvir pilherias... Nos armarinhos, nos *bonds*, nas confeitarias, é um namorar sem conta!... E os theatros?... Vae uma moça inexperiente assistir á representação do *Mandarim*, e volta para casa sabendo o que é uma *cocotte*.

COCOTA.

Que vem a ser *cocotte*, seu Bergano?

BERGAÑO.

E' uma palavra franceza... não queira saber mais nada.

COCOTA, *aparte*.

Cocotte!... hei de ver no dictionario.

DUETTO

BERGAÑO.

Não me faz conta, não, Cocota,
Que para a Côrte você vá,
E aos galanteios de um janota
Sem reflectir se exponha lá!

COCOTA.

Não se assuste, que não sou tola.
Leva um tremendo bofetão
Quem me disser uma graça!

BERGAÑO.

Faz muito bem!

COCOTA.

Podéra não!

AMBOS.

Oh! que bom bofetão!

COCOTA.

Não imagina, ó seu Bergaño,
Com que fervor lhe quero bem!
Não posso amar a mais ninguém
Meu coração não é tamanho!

JUNTOS

Não imagina, ó seu Bergaño,
etc.

BERGAÑO.

Palavras taes eu não estranho:
Que é minha só sei muito bem...
Não póde amar a mais ninguém;
Seu coração não é tamanho...

A Côrte é cheia de perigos,
E' um logar de perdição:
Acham lá muitos inimigos
A castidade e a discrição

COCOTA.

Para que você não se queixe,
No mesmo trem commigo vá,
E um só momento não me deixe.

BERGAÑO.

Pois bem! irei!

COCOTA.

Que bello! irá !..

AMBOS

Dito está !

COCOTA

Não imagina, ó seu Bergaño,
Com que fervor lhe quero bem !
Não posso amar a mais ninguem...
Meu coração não é tamanho !

BERGAÑO

Palavras taes eu não estranho
Que é minha só sei muito bem...
Não póde amar a mais ninguem,
Seu coração não é tamanho !

COCOTA.

Eu estimo que você vá; assim não terei saudades.

BERGAÑO, *dondo-lhe um beijo.*

Obrigado, Cocota !

COCOTA

Fique quieto ! dindinho póde entrar.

BERGAÑO.

Não entra !... (*Outro beijo.*)

COCOTA.

Ah ! seu Bergaño... você falla dos janotas da Côrte...

BERGAÑO.

Vou apromptar a mala e prevenir meu socio. Até logo ! (*Sae.*)

SCENA VI

COCOTA, depois GREGORIO E SERAPIÃO, depois

O FEITOR

COCOTA, só.

Vou ver o dictionario... (*Ao sahir encontra-se com Gregorio e Serapião, que entram. — Gregorio,*

que está preparado para a viagem, traz uma abobora descommunal debaixo do braço.)

GREGORIO.

Menina, vae pôr o chapéo e o guarda-pó... O troll está á nossa espera... Já mandei a mala para o Rodeio... D'aqui a tres horas passa o trem. Qu'é de seu Bergaño?

COCOTA.

Elle tambem vae... foi prevenir o socio.

GREGORIO.

Vae com a gente?

COCOTA.

Sim senhor.

SERAPIÃO, *aparte, com malicia.*

Podéra!

GREGORIO.

Bom. (*Cocota sae.*)

SERAPIÃO

Ah! compadre, compadre!... este hespanhol...

GREGORIO.

Que tem?

SERAPIÃO.

Não lhe parece... (*Faz uns gatimanhos.*)

GREGORIO, *arremedando.*

Não entendo!

SERAPIÃO.

Não lhe parece que arrasta a aza á sua afilhada?

GREGORIO.

Não me parece, não; tenho certeza. Mas que tem isso? E' um bom rapaz. apesar de hes-

panhol... tem a sua casa de negocio bem afreguezada... apanhou um bom socio...

SERAPIÃO, *em tom mysterioso.*

Mas é abolicionista !

GREGORIO.

Não o calunnie, coitado ! Elle diz aquellas coisas pora *inticar* com você. Um rapaz tão sério, tão honesto, póde lá ser abolicionista !

SERAPIÃO, *com o mesmo ar de mysterio.*

E'

GREGORIO.

Pois sei é, tanto peor para elle ! — Mas esta abobora pesa como seiscentos mil diabos ! (*Vae deital-a sobre a mesa, e volta.*) Aquillo passa !... Abolicionismo é andaço... é moda... é uma coisa que appareceu de repente, como a tal herva que eu vou procurar na Côrte. D'antes não havia rapaz de sangue na guelra que não fosse republicano... hoje, nenhum já se lembra de republica ! E' abolicionismo para cá, abolicionismo para lá ! Isso passa, vá com o que lhe digo ! — Quanto ao gostar da rapariga, deixe-o lá !... todos nós fomos rapazes !

SERAPIÃO, *acotovelando-o.*

E ande lá ! você no seu tempo fez das suas !...

GREGORIO.

Eu !... qual !... nunca dei para acompanhar Nosso Pae fóra de horas !

SERAPIÃO, *com o mesmo movimento.*

E a Mariquinhas Sarmiento ?

GREGORIO.

Cala a bocca, compadre do diabo ! A Mariquinhas Sarmento é a unica nuvem que escorece o céo da minha innocente mocidade ! (*Pensativo, olhando para a abobora.*) Não a vejo ha tantos annos !... Mas como é bonita !

SERAPIÃO.

Quem, a Mariquinhas ?

GREGORIO.

Não, a abobora ! Ha de fazer furor lá na Côrte...

SERAPIÃO

O compadre esquece-se de prevenir o feitor...

GREGORIO.

Tem razão ! (*Gritando para fóra.*) O' seu José ! seu José !... (*A Serapião.*) Não ha como um bom feitor ! Este homem é muito fiel ; entregolhe a fazendola com a maior confiança.

SERAPIÃO.

E' um bom feitor que encontrou um bemfeitor !

JOSÉ, *entrando.*

Patrão ?

GREGORIO.

Seu José, eu vou passar uns dias na Côrte... creio que não preciso dizer mais nada !

JOSÉ.

Não ha duvida, patrão ! Fique descansado.

GREGORIO.

Bem ! póde ir. (*José sae.*) Compadre, você venha de vez em quando dar uma vista d'olhos cá por casa.

SERAPIÃO.

Está dito.

SCENA VII

GREGORIO, SERAPIÃO, BERGAÑO, depois COCOTA.
BERGANO, *entrando de mala na mão e preparado para a viagem.*

Prompto !

GREGORIO.

Bravo, seu Bergaño ! Sei que você vae com a gente e estimo ; será o meu cabrion.

BERGAÑO.

O seu... ?

GREGORIO, *muito convencido.*

Cabrion !

SERAPIÃO.

O compadre quer dizer «cicerone».

GREGORIO.

Cicerone... é isso !

BERGAÑO.

Ah ! — Com todo o prazer !

GREGORIO.

Nesse caso, não preciso telegraphar ao meu amigo Venancio das Dores.

BERGAÑO.

Não, senhor... eu conheço a Côrte como a palma da minha mão.

GREGORIO.

Tanto melhor, porque nunca escrevi ao Venancio, e não seria bonito incommodal-o agora.

SERAPIÃO, *a Gregorio.*

Olhe que são horas !

GREGORIO.

São horas, são ! (*Gritando.*) O' menina !
então ?...

COCOTA, *entrando, preparada para a viagem.*

Prompta! (*Aparte.*) Ora! Cocotte é pomba de papel e caçarola de cosinha!

GREGORIO.

Vamos!

TODOS.

Vamos!

SERAPIÃO.

Eu acompanho-os até o Rodeio. (*Saem. — Mutação d' vista.*)

QUADRO II

O saguão da Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II, iluminado á luz electrica. A scena está cheia de pessoas do povo, cocheiros, vendedores da *Gazeta da Tarde*, etc.

SCENA PRIMEIRA

FIGURANTES, depois ROMUALDO, o professor GUSTAVO ROBERTO.

CORO

Corramos ligeiros.
O trem vaê chegar,
E mil passageiros
Vão desembarcar!

(*No fim do côro, Romualdo encontra-se no proscenio com o professor.*)

ROMUALDO.

Olá! por cá, Sr. Gustavo Roberto!... (*Aper-ta-lhe a mão.*)

O PROFESSOR.

Venho matar o tempo... não tenho que fazer...

ROMUALDO.

E a sua escola? e o seu curso nocturno?...

O PROFESSOR.

Pois não sabe que fui suspenso?

ROMUALDO.

Suspenso?... porque?...

O PROFESSOR.

Por escrever um artigo.

ROMUALDO.

Hom'essa! — E de que tratava esse artigo?

O PROFESSOR.

Das celebres conferencias pedagogicas. Queriam que eu dissesse que foram muito concorridas, quando...

ROMUALDO.

Quando não foram. Meu amigo Sr. Gustavo Roberto, nem todas as verdades se dizem!

O PROFESSOR.

Essa maxima aprendi eu na minha escola. — Nem todas as verdades se dizem!

ROMUALDO.

Principalmente quando não se póde contar com a bandeira da Misericordia!

O PROFESSOR.

Ou com a misericordia do Bandeira! — E o senhor? que faz por cá?

ROMUALDO.

Ah! meu amigo... acaba de me acontecer a coisa mais extraordinaria que imaginar se póde.

O PROFESSOR.

Sim?

ROMUALDO, *com mysterio.*

Não ha ainda uma semana que travei relações com ella... Ella!... D. Maria!... senhora

de muito juízo, orçando entre os 35 e os 40, mas ainda bonita ! finalmente, o ideal do homem, que chegou á minha idade, sem se lembrar de formar familia !... Ha seis dias que estava em minha casa... a felicidade começava a sorrir aos meus cabellos brancos .. Não é que eu sentisse por ella uma dessas paixões violentas, que levam um homem a praticar loucuras... acredite que não !...

O PROFESSOR.

Acredito ... (*Aparte.*) Para o que lhe havia de dar !

ROMUALDO.

Meu affecto era tranquillo como a lagôa de Rodrigo de Freitas !... (*Em tom mais confidencial.*) Mas eu tenho cincoenta annos bem puxados, algumas camisas no fio, duas duzias de pares de meias com dias santos e uma duzia de lenços por embainhar e marcar.

O PROFESSOR, *aparte.*

E' um inventario !

ROMUALDO.

Além disso, dou o beicinho por um cafuné depois de jantar, e estou farto da cozinha dos hotéis, que me têm estragado o estomago e limpado as algibeiras.

O PROFESSOR

A quem o diz !...

ROMUALDO.

Era inevitavel uma ligação.

O PROFESSOR.

Isso era !

ROMUALDO.

Pois bem: hoje pela manhã accordo, e não vejo D. Maria ao meu lado!... Chamo por ella: quem disse?... Só estava em casa o meu velho escravo Thomé, uma reliquia de familia... D. Maria tinha batido a linda plumagem!... Fui roubado! (*Depois de pequena pausa.*) Ella tem parentes em Campo Grande... é muito natural que vá lá ter. Tenho vindo cá para a estação ás horas dos trens dos suburbios, na esperança de sorprendel-a e confundil-a! Com esta, é a setima vez que hoje aqui venho. (*Julgando reconhecer alguém que passa na rua.*) Espere! Lá vae ella!... (*Sae correndo; o professor acompanha-o, rindo-se.— Ouve-se o silvo de uma locomotiva que se aproxima*)

CORO

Lançando um berro
Pelas narinas,
O trem de ferro
Chega de Minas.
Todo garboso
Com seu pennacho,
Veio furioso
P'la Serra abaixo.
Os passageiros
Empoeirados
Saltam ligeiros,
Muito massados.
Lançando um berro
Pelas narinas,
O trem de ferro
Chega de Minas.

SCENA II

Os mesmos, FIGURANTES, CARREGADORES, etc., depois GREGORIO e COCOTA, depois ROMUALDO, depois CHRISPIM.

Depois do côro, continúa a musica na orchestra.

— Reprodução do movimento animadissimo que se nota á chegada do trem da Serra, no lugar em que se suppõe passar a acção do quadro.— Entrada e sahida de passageiros.

— Carregadores tomam as malas; contractam-se cocheiros.— Grande vozeria em que ninguém se entende.— Gregorio e Cocota são os ultimos a entrar.— Gregorio traz a sua mala e a de Bergaño; vem todo atrapalhado com a abobora.— Romualdo entra da rua e vae para a extrema esquerda.— Chrispim entra tambem da rua e fica á extrema direita.— Modera-se a vozeria, para o dialogo ser percebido.

GREGORIO.

Cá estamos na heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro!

ROMUALDO.

Não era D. Maria.—Oh! que grande abobora!

CHRISPIM.

Que abobora immensa! (*Passa e vae offercer bilhetes de loteria a Romualdo que os escolhe.— Saem ambos para a rua.*)

GREGORIO, distribuindo pontapés a uma nuvem de carregadores e cocheiros, que querem á força tomá-lhe as malas.

Larga! Larga! (*Os homens afastam-se — Só ficam em scena Gregorio e Cocota.— Cessa a musica.*)

SCENA III

GREGORIO, COCOTA.

GREGORIO, *arreiando as malas.*

Nada! é preciso olho vivo com os gatu-nos!... — Estou atrapalhado! não sei para onde hei de ir. Por mal dos meus peccados, seu Bergaño, que era o nosso Cabrion, perdeu o trem em Belem!

COCOTA.

E' verdade!...

GREGORIO.

Que diabo iria elle fazer na estação, que levou tanto tempo?

COCOTA.

Quando vi que o trem seguia sem elle fiquei desesperada!

GREGORIO.

Sim, heim?!... pois olha, eu até certo ponto estimei!...

COCOTA.

Porque dindinho?

GREGORIO

Por causa dos beijos, minha sonsa!...

COCOTA, *confundida.*

Dos beijos?...

GREGORIO.

Dos beijos, sim! Pensas que eu não ouvi, quando passavamos o tunel grande? E eram cantados!...

COCOTA.

Foi engano seu...

GREGORIO.

Devia ser!... Quando vocês iam aos cajús, eu já voltava com as castanhas!

(Entram dous jogadores da trancinha e observam Gregorio.)

GREGORIO, *que toma de novo as malas.*

Ora, Senhor!... para onde havemos de ir?...

COCOTA.

Peça áquelles dous moços que lhe indiquem um hotel.

GREGORIO.

Dizes bem — *(Dirige-se aos recém-chegados.)*

SCENA IV

Os mesmos, 1º e 2º JOGADORES DA TRANCINHA, depois VENANCIO, depois FIGURANTES.

1º JOGADOR, *deixando cahir disfarçadamente uma carta na occasião em que Gregorio vae dirigir-lhe a palavra. — Aparte.*

Lá vae isca!

2º JOGADOR, *abaixando-se ao mesmo tempo que o primeiro para apanhar a carta e ficando com ella.*

Largue, que é minha!

1º JOGADOR.

Não ha tal! esta carta cahio-me da mão.

GREGORIO, *que tudo observou.*

Cahio, que eu vi.

2º JOGADOR.

O senhor está combinado com elle.

GREGORIO.

Combinado vá elle! Olhe que lhe atiro com este producto da minha horta! *(Ameaça-o.)*

COCOTA.

Dindinho !...

2º JOGADOR.

A carta pertence-me... e a prova é que tem dentro uma trancinha !

1º JOGADOR.

A carta cahio-me das mãos e não tem nada dentro !

2º JOGADOR.

Aposto em como tem dentro uma trancinha !

GREGORIO.

Pego na aposta ! Cá está dinheiro !...

1º JOGADOR.

Vamos feitos !

GREGORIO.

Quanto vale a aposta ?

2º JOGADOR.

Cem mil reis !

GREGORIO.

Case ! — Os meus aqui estão. (*Dá cem mil réis ao 1º jogador.*) Vão para a mão deste cavalheiro. (*A Cocota que, desde que se fallou em aposta, puxa-lhe pelo guarda pó.*) Me deixa !

1º JOGADOR.

Abra a carta !

2º JOGADOR, *abrindo-a e mostrando uma trança.*
Ganhei !

VENANCIO, *apparecendo e gritando.*

Não o largue! é gatuno!... (*Apita e foge prudentemente.*)

GREGORIO.

Gatuno! (*Agarra o segundo jogador e grita.*
— *Lucta.* — *A scena enche-se de povo, urbanos, etc.* — *Grande conflicto.* — *Gregorio e Cocota são envolvidos pela multidão, de modo que o publico os perca inteiramente de vista.* — *Saem todos aos empurrões.* — *Só fica em scena a abobora, que Gregorio tem deixado cuhir.*)

SCENA V

ROMUALDO, depois CRISPIM, depois COCOTA,
depois VENANCIO.

ROMUALDO, *entrando a consultar o relógio.*

São quasi horas do trem dos suburbios. —
Olé! a abobora! (*Olhando em volta de si.*)
Ninguém! (*Indo apanhar a abobora.*) Bravo!
já não perco o meu passeio... (*Com escrupulos.*)
Mas faço bem?... Ora adeus!... o dono si a
deixou aqui é porque não a quer. (*Quando vae
a sahir com a abobora, entra Chrispim por outra
porta*)

CHRISPIM.

Então, elle leva a abobora que lhe não
pertence?... E o pobre fazendeiro lá foi para o
xadrez!... (*Offerecendo bilhetes a Cocota, que entra
muito afflicta.*) S. Paulo anda amanhan! (*Vendo
que Cocota não responde, sae.* — *Entra Venancio.*)

VENANCIO.

Nada! lá em barulhos é que eu não me
metto.

COCOTA, *que tem percorrido toda a scena.*

Meu Deus! Meu Deus!... onde se metteria dindinho?... Perdi-me d'elle! estou perdida!...

VENANCIO, *aproximando-se.*

Que tem, minha senhora?

COCOTA.

Oh! senhor! proteja-me!... perdi-me de meu padrinho!... havíamos desembarcado juntos não ha meia hora.

VENANCIO.

E vossa senhoria não tem para onde ir?

COCOTA.

Não senhor... Não conheço aqui ninguém.

VENANCIO.

Pois venha para minha casa... — (*A um movimento de Cocota.*) Eu sou casado, e minha senhora terá todo o prazer em recebê-la.

COCOTA.

O senhor tem cara de boa pessoa... (*Dando-lhe a mão.*) Entrego-me cegamente nas suas mãos.

VENANCIO.

Venha commigo. (*Sae com Cocota.—Cae um panno de nuvens.— Forte na orchestra*)

QUADRO TERCEIRO

Nuven

SCENA UNICA

MERCURIO, sob as feições do actor MATTOS.

Senhores, eu sou Mercurio,
Deus que a Cupido auxilia,
E a quem Jupiter confia
Os seus mysterios de amor;

Percorro a terra levipede,
O espaço cruzo ligeiro ;
Sou nos enganos matreiro,
E nos embustes doutor.

Como o omnipotente Jupiter,
Eu tomo feições estranhas,
Para dispôr as façanhas
Que tanto lustre me dão ;
Foi assim, que, na Beocia,
Eu disfarcei-me em Sosia...
Desde esse famoso dia,
Teve um socio Amphitryão

Portanto, com certo exito,
E com designios pacatos,
Do distincto artista Mattos
Eu apanhei as feições,
Para vir perante o publico,
Em chôcha prosa rimada,
Cumprir a mais delicada
De todas as commissões.

D'esta vez, não é por Jupiter
Que sou mandado, senhores :
São da revista os auctores
Que aqui me enviam, sabeí ;
De amor perfumada epistola
Trazer não venho impudente ;
Mas um recado innocente,
Que em poucos versos darei.

Mandam dizer os sympathicos
Arthur e doutor Sampaio
(Este adjectivo no ensaio
Um dos dous typos metteu)
Que não foi sem causa séria,
Que aquella escura cortina,
Representando neblina,
De cima abaixo correu,

A scena é complicadissima
E protesta o machinista,
Que, com mutação á vista,
Nada se pôde arranjar ;
Veio um panno, e, emquanto, garrulo,
Vou dando trela aos senhores,
Nos camarins, os actores
De fato podem mudar.

Bello quadro mythologico
Vós ides ver, e portanto
A minha presença espanto
Não cause de modo algum ;
Vae passar-se um episodio
Que, embora estranho pareça,
C'o o principio e o fim da peça,
Nada terá de commum.

Ides ver o reino fulgido
Do portentoso Neptuno
(Si acaso vos importuno,
Franqueza, que saio já!) ;
Descendo aos mundos aquaticos
O grão Jupiter Tonante,
Honra clara e retumbante
De uma visita lhes dá.

Mas, basta de dar á lingua !
Deixo vossas excellencias:
No Olympo, as minhas ausencias
Com bons olhos ninguem vê.
E si dos meus fracos prestimos
Dispor quizerdes, não custa:
Lá em cima, rua Augusta,
Numero trinta e dous, — b.

(Comprimenta e sae.— A orchestra executa a introdução do côro seguinte.— Sobe o panno de nuvens.)

QUADRO QUARTO

No fundo do mar.

SCENA PRIMEIRA

NEPTUNO, sentado n'um throno formado por uma grande concha; SEIS TRITÕES-MINISTROS: TRITÕES, NEREYDES; etc.

CORO E BAILADO

Meus irmãos, dansemos,
E tambem cantemos,
Pois que assim fazemos
Nossa obrigação!
Quer o rei jocundo
Saiba todo mundo
Que do mar no fundo
Passa-se um vidão!

NEPTUNO.

Venham as dansas mais modernas,
Lindas nereydes e tritões;
Dae novo ardor ás vossas pernas,
Variando as bellas posições!

CORO.

Meus irmãos dansemos, etc.

NEPTUNO.

Como os quadris saracoteiam!
Como são bellas a dansar!
Nos corações o fogo ateiam,
Que não se extingue nem no mar.

CORO.

Meus irmãos dansemos, etc.

(Cessam os cantos e as dansas.)

NEPTUNO, *erguendo-se.*

O' formosas divindades
Das regiões neptuninas,
Interessantes ondinas
E bolicosas nayades,
Deixae-me a sós uns instantes
Com meus ministros ficar,
Porque temos que tratar
De coisas muito importantes.

(Faz um gesto, despedindo a côrte, que se retira com um motivo na orchestra.)

SCENA II

NEPTUNO, OS TRITÕES-MINISTROS.

NEPTUNO, *descendo solememente, depois de uma grande pausa.*

Senhores...

1º TRITÃO.

Muito apoiado !

NEPTUNO, *continuando, depois de uma muda reprehensão.*

Que ha profundas divergencias
Entre vossas excellencias,
Senhores, tenho notado.
Os periodicos propalam
Que, como duas crianças,
O ministro das finanças
E o da guerra não se fallam.
Porque ?

1º TRITÃO

Senhor...

2º TRITÃO.

Senhor...

NEPTUNO.

Basta !

Não me repliquem !

1º TRITÃO

Perdão!

NEPTUNO.

Ha no mar muito tritão,
Que morre por uma pasta!

2º TRITÃO.

Neptuno, não te exasperes,
Sem me ouvir primeiramente,
Porque eu venho, justamente,
Pedir-te que me exoneres.

NEPTUNO.

Que te exonere? porque?

2º TRITÃO.

Por causa deste bilhete,
Que o chefe do gabinete
Me dirigio.

NEPTUNO.

Dá cá!

2º TRITÃO

Lê!

NEPTUNO, *lendo*.

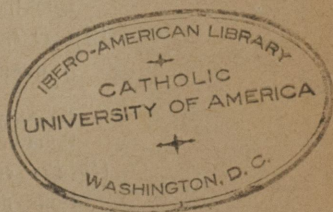
« Amigo e collega, visto
Ter o senhor revelado
Ser no officio um desastrado
E não ter geito p'ra isto,
Demissão peço que peça
E que procure outro emprego ;
Creia que é p'ra o seu socego,
Que eu peço que se despeça.»

2º TRITÃO.

Que dizes, grande Neptuno,
A tanta desatenção?

NEPTUNO.

Eu digo que tem razão
Quem foge de um importuno.
Tu fazes coisa acertada,
Si a pasta p'ra longe atiras,
E de uma vez te retiras



A' paz da vida privada.
Pois a mais nada se arrisca
Quem das eminencias cae
É prudentissimo vae
P'ra casa jogar a bisca.

2º TRITÃO

Pois bem! cá fica o trambolho!

1º TRITÃO, *recebendo a pasta das mãos do segundo, abrindo-a, aparte.*

Que aqui vae de disparates!

2º TRITÃO.

Mas aos sagrados penates,
Neptuno, não me recolho!

(*Ao 1º tritão.*)

No parlamento hei de ver
Si da voz o som me abafas!

(*Sae furioso.*)

1º TRITÃO.

Veremos quem tem garrafas
Vasias para vender.

NEPTUNO.

Que grande typo! bofé!
A sério ninguem o toma,
Porque carrega um diploma,
Que lisongeiro não é.

(*Ao 1º tritão.*)

A quem daremos a pasta?

1º TRITÃO.

Offereço nesta folha
Dous nomes á tua escolha.

(*Dá-lhe uma folha de papel.*)

Dous nomes? um só me basta.
Vejamus como completas
Este governo solemne.

(*Lendo.*)

« Molière e Lafontaine. »
Quem são elles?

1º TRITÃO.

Dous poetas.

NEPTUNO.

Dous poetas? Pois dar-se-á caso
Que n'estas aguas profundas,
Com Apollo me confundas,
E te julgues no Parnaso?
Emfim, vá lá! Amanhan,
Resolvo; pois a respeito
De escolha, estou mesmo feito
O burro de Buridan.

(Com um gesto, guardando a folha de papel.)

Vão embora!

(Os tritões comprimentam profundamente e saem.)

Que feliz

Quem descobrisse no mundo
Este segredo profundo
De governar um paiz!
Eu tenho tento na boia,
Mas acho que um ministerio
Dá mais trabalho e mais serio
Que erguer os muros de Troia.

SCENA III

NEPTUNO, UMA NEREIDE, depois os CÓROS, depois
JUPITER.

NEREIDE, *entrando a correr.*

Senhor, grande novidade!
Jupiter omnipotente
Vem ahi!

NEPTUNO.

Por meu tridente!
Que dizes?

A NEREIDE.

Digo a verdade.

NEPTUNO, *comsigo*

Jupiter ! E' singular !
E' esta a primeira vez
Que resolve pôr os pés
Aqui no fundo do mar !

(*Entram os côros.*)

CORO

Que ventura ! que prazer !
Que felizes vamos ser !
Ao reino Jupiter desceu
Do deus Neptuno e de Nereul
Tudo ao prazer chamando está !
Satisfação maior não ha !

NEPTUNO, *indo ao encontro de Jupiter, que entra,*

Por ver-te aqui, ó Jove omnipotente
Todo meu reino salta de contente !

CORO.

Dos mundos preclarissimo pae,
Sem cerimonia entrando vae !

JUPITER.

COPLAS

I

Cá está Jupiter Tonante,
O Zeus Pater immortal ;
Conhecido eu sou bastante,
Tenho fama universal !
Excedi no ardor da guerra
Os melhores capitães,
Quando um dia puz por terra
Quatrocentos mil titães.

Minha extensa biographia
Já do mundo a volta fez ;
Não a posso dar n'um dia,
Nem a digo em dous *couplets*.

II

Mas de todos esses feitos
De que tenho sido auctor,
Não ha feitos tão bem feitos
Como os feitos por amor.
Já fui cysne, já fui touro...
E uma vez cahi até,
Transformado em chuva de ouro,
Nos jardins de Danaé.

Minha extensa biographia, etc.

(*Repetição do côro.*)

Que ventura ! que prazer ! etc.

NEPTUNO.

Jupiter, tamanha dita
Do orgulho as velas me infuna !
Que intempestiva fortuna !
Que inesperada visita !
Do mar as ondas travessas
Do céu ás nuvens nivellas !
Eu te agradeço por ellas.

JUPITER

Pois olha: não me agradeças ;
Nada tens que agradecer.
Foi uma causa fortuita
A causa desta visita,
Que eu não contava fazer.
P'la manhan, se me encasqueta
Na cabeça, dar um gyro
Ao meu saudoso retiro
Da formosa ilha de Creta.
Aprompta-se a galeota.
Embarco. Em poucos minutos,
Cinco tritões resolutos
Levam-me á praia remota ;
Mas quando em terra o pé puz...

(*A um gesto de Neptuno, a quem fez especie — o pé puz...*)

Estás percebendo ?

NEPTUNO.

Estou.

JUPITER.

A galeota recuou,
E eu... catrapuz!

NEPTUNO.

Catrapuz!

TODOS.

Oh!

JUPITER.

Muito bem! basta de prosa!
Volto p'ra cima, Neptuno;
Tenho que fazer, e Juno.
Já deve estar receiosa.

NEPTUNO.

Perdão, Jupiter Tonante,
Da terra e dos céos senhor,
Has de fazer o favor
De demorar-te um instante.
Sobe ao meu throno.

(Sobem ambos.)

Amanhan,
Para não jurares falso,
Dos tritões no reino salso
Dirás que viste um cancan!

TODOS.

Ao cancan!

*(Cancan desenfreado.— Fogos de Bengala.— Cae o
panno.*

ACTO SEGUNDO

QUADRO QUINTO

Sala de hotel de terceira ordem.

SCENA PRIMEIRA

GREGORIO, depois UM CRIADO.

GREGORIO, *entrando com as malas.*

Que hotel ! Não encontrei viva alma, desde a porta da rua até esta sala ! (*Chamando.*) Seu Caboclo ! ó seu Caboclo !...

A VOZ DO CRIADO.

Já lá vae !

GREGORIO :

Ora graças, que o homem ouviu ! — Estou a morrer de fome... Desde hontem, na Barra do Pirahy, que não como !... (*Entra o criado ; typo de tísico.*)

CRIADO.

Foi o senhor quem chamou ?

GREGORIO.

Fui eu, sim, senhor ; vossa senhoria é que é o caboclo ?

CRIADO.

O caboclo ?

GREGORIO.

Sim, senhor... o dono do hotel

CRIADO.

Não, senhor... eu sou empregado, mas o dono não é caboclo, é portuguez.

GREGORIO.

Ah! sim?... me desculpê... Como vi no
lampeão da porta: *Hotel do Caboclo...*

CRIADO.

Que deseja?

GREGORIO.

Ha quartos?

CRIADO.

Estão todos desoccupados

GREGORIO.

Então só ha dez?

CRIADO.

Como dez?

GREGORIO.

Pois você não diz que estão dez occupa-
dos?

CRIADO.

Dez occupados, não, senhor... desoccupa-
dos.— Como eu sou da Bahia, parece que digo —
dez occupados, — quando digo — desoccupados.

GREGORIO.

Então não ha hospedes?

CRIADO.

A freguezia só apparece de noite.

GREGORIO, *recuando, desconfiado.*

Heim!... querem ver que...

CRIADO.

São pessoas que têm de tomar o trem de
ferro de manhan.

GREGORIO, *tranquillizado.*

Ah ! — Pois veja um bom quarto... e trate de me preparar um almoço de sustancia. Preciso comer bem, estou muito doente.

CRIADO, *tomando as malas.*

Doente ? não parece !—Que doença é a sua ?

GREGORIO.

Pois não se vê logo que estou tísico ?
(*Tosse.*)

CRIADO, *com um sorriso triste.*

Tísico, o senhor ?... Ah ! ah !... quer trocar a sua tísica pela minha ?

GREGORIO, *incredulo.*

Você está tísico ?

CRIADO.

Em terceiro gráo !

GREGORIO.

Isso é imposturia sua. Não está mais tísico do que eu. (*O criado vai sahindo com as malas.*) Olhe ! venha cá !... Você não tomou ainda a tal herba virgiliana ?

CRIADO

Tomei sim senhor... quando estava no segundo gráo.

GREGORIO.

Não sentio alteração na molestia ?

CRIADO.

Senti, sim, senhor.

GREGORIO.

Ah !

CRIADO.

Foi a herva que me pôz neste estado.

GREGORIO, *com um salto.*

Heim !...

CRIADO.

E' o que lhe digo ! (*Sae com as malas.*)

SCENA II

GREGORIO, depois BERGAÑO.

GREGORIO.

Bonito !... não me faltava mais nada ! —
Foi a herva virgiliana que... Eu queria que
me dissessem o que vim fazer á Côrte !

BERGAÑO, *entrando arrebatadamente, ainda com roupa
de viagem.*

Ah ! não me engano !... é elle !...

GREGORIO.

Ah ! ainda bem, seu Bergaño !... venha !
venha !... você tirou uma alma do purgatorio !
Não imagina o que me tem succedido. — Quando
chegou ?

BERGAÑO.

Neste instante, pelo trem mixto.

GREGORIO.

Você sabia que eu estava aqui ?

BERGAÑO.

Ora !. . E' raro o fazendeiro que, vindo á
Côrte, não conhecendo a cidade, nem tendo cor-
respondente, não procure logo o hotel do Caboclo.
Veja como acertei. — Onde está D. Cocota ?

GREGORIO.

Ah! meu amigo!... *(Desatando a chorar.)*
Ah! meu bom amigo!... *(Abraçando-o.)* Eu já
não tenho afilhada!

BERGAÑO.

Que diz, major?

GREGORIO.

Já não sou padrinho! — Chore! chore com-
migo!... porque você gostava della... eu sei...
eu bem ouvi, quando passavamos o tunel grande,
dous beijos cantados...

BERGAÑO.

Repararei, major, repararei!...

GREGORIO.

Pois sim.

BERGAÑO.

A minha intenção é casar com ella.

GREGORIO.

Pois reze-lhe por alma!

BERGAÑO, *com um salto.*

Morreu?!

GREGORIO.

Não... isto é, não sei!...

BERGAÑO.

Conte-me, conte-me tudo, major!... Que
se passou desde que perdi o trem em Belem?

GREGORIO.

Até á Côrte tudo se passou sem novidade...
apenas estavamos ambos, eu e ella, muito mas-
sados por ver que o trem largára sem você.
(N'outro tom.) Mas que diabo foi você fazer na

estação, que demorou tanto tempo? (*Bergaño diz-lhe alguma coisa ao ouvido.*) Ah! bem desconfiei!... (*No tom primitivo.*) Quando chegámos á estação do Campo, vi que dous sujeitos disputavam por causa de uma trança, que um delles dizia estar dentro de uma carta.

BERGAÑO.

A trancinha! — E o major cahio?

GREGORIO.

Como um patinho!

BERGAÑO.

Oh!

GREGORIO.

Perdi cem mil reis, que não me faziam falta. — Mas o peor não foi isso. — A intervenção de um urbano, em vez de melhorar o mal, produziu um sarilho medonho, — tão medonho, que fiquei apatetado, e, quando dei accordo de mim, estava preso no xadrez. — Cocota e a abc-bora tinham desaparecido!

BERGAÑO.

Meu Deus!... não é possível! quero procural-a!... encontral-a... esposal-a... amal-a...

GREGORIO.

A mala não lhe dê cuidado. Tanto a sua como a minha, estão n'aquelle quarto. Não as perdi por milagre!

BERGAÑO.

E porque o prenderam?

GREGORIO.

Sei lá! não me disseram... !Passei no xadrez uma noite levada de todos os diabos!

BERGAÑO.

Yo lo creo! — E estava sosinho?

GREGORIO.

Qual! era bem bom.

BERGAÑO.

Havia outros vagabundos?

GREGORIO.

Outros? — Varro! que eu não sou vagabundo! — Havia coisa peor!... todo o corpo me come! — Só esta manhã o subdelegado reconheceu a minha innocencia, e mandou-me embora.

BERGAÑO.

O major já fez alguma diligencia?

GREGORIO.

Eu lhe digo. — Logo que sahi do xadrez, fui procurar o meu velho amigo Venancio das Dores, para contar-lhe as minhas desgraças e ao mesmo tempo pedir-lhe que me ajudasse a procurar minha afilhada.

BERGAÑO.

E então?

GREGORIO.

Vae ver. — O Venancio morava, ha quinze annos, n'uma casinha da rua da Guarda-Velha.

BERGAÑO.

Já não mora?

GREGORIO.

Nem a casa existe!... No lugar em que ella estava, levantaram um grande edificio, com quatro buracos, e em cada buraco um boneco.

BERGAÑO.

A Typographia Nacional.

GREGORIO.

Depois, perguntei onde era o telegrapho; queria passar um telegramma ao compadre Serapião, porque talvez Cocota, achando-se só, tomasse a resolução de pôr os brincos no prego e voltasse á Sâcra Familia. Mas, ao chegar ao Campo de Sant'Anna, lembrei-me de que, mesmo que ella tivesse ido, ainda não tinha tempo de lá ehegar. Foi então que deliberei vir para um hotel. Procurei, e o primeiro que encontrei foi este.

BERGAÑO.

E como vae vmce. de sua tosse.

GREGORIO, *tossindo.*

E' outra historia! (*Apontando para o criado que entra.*) Vê!... Efeitos da tal herva virgiana!

SCENA III

Os mesmos, o CRIADO.

CRIADO.

O quarto está prompto... quando quizer...

GREGORIO.

Bom! E o almoço?

CRIADO.

Está se apromptando.

GREGORIO, *a Bergaño.*

E' celebre! o desgosto não me tira o appetite... não será isto da molestia?

CRIADO.

Quer que o sirva no quarto, ou aqui mesmo ?

GREGORIO.

Prefiro aqui.

BERGANO.

Mas aqui não ha onde se coma !

CRIADO.

Traz-se uma mezinha.

GREGORIO.

Não é mezinha, é almoço que eu quero.

CRIADO.

Almoço, sim, senhor... Trago uma meza para aqui e sirvo.

GREGORIO.

Bom ! (*A Bergano.*) Vamos lá vêr que qu arto me deram. Depois do almoço, trataremos do tomar as providencias.

BERGAÑO.

Vamos. (*Saem. — Entra Chripim, que vê Gregorio, no momento em que este transpõe a porta.*)

SCENA IV

O CRIADO, CHRISPIM.

CHRISPIM, *ao criado que vae-se retirando.*

O' seu Felippel... sabe quem é aquelle sujeito?... E' o mesmo que hontem, alli na estação da estrada de ferro, armou um grande rolo e foi preso.

CRIADO.

Devéras ?

CHRISPIM.

Sim, senhor!... por signal que trazia uma abobora, uma abobora phenomenal!... d'este tamanho... a qual abobora, durante o conflicto lhe cahio de debaixo do braço.

CRIADO.

Ficou sem ella ?

CHRISPIM.

Ora si ficou!... mas eu bem vi quem a apanhou e carregou-a... Foi um tal Romualdo... um sujeito a quem tenho vendido muito bilhete de loteria.

CRIADO.

E você sabe onde mora esse sujeito ?

CHRISPIM.

Eu sei onde moram todos os meus freguezes por causa das alviçaras. Se o typo gratifica, eu digo-lhe onde está a abobora.

CRIADO.

Valerá a pena ?

CHRISPIM.

Você não imagina que abobora ! era digna de figurar na vitrine da *Folha Nova*. (*N'outro tom.*) Vae hoje um bilhetinho ? Tenho um numero de palpito para a grande da Côte.

CRIADO.

Quando anda a roda ?

CHRISPIM.

Sei lá ! d'aqui a cinco annos talvez ! um bello dia... quando menos se esperar...

CRIADO.

Nada! eu ando agora muito esbodegado!... a virgiliana deixou-me na onça... Deixe-me tratar da vida. Olhe! veja si empurra um ao dono da abobora. (*Sae.*)

SCENA V

CHRISPIM, só, depois A COMMISSÃO SANITARIA, e UM AUXILIAR.

CHRISPIM.

A Virgiliana, a Virgiliana!... Vão ver que é uma mulher que não vale dous caracões! (*Examinando os seus bilhetes.*) Já hoje fiz uns bons cobres... Deixem lá: é um bom meio de vida este de vender bilhetes de loteria! O diabo é que todos os dias augmenta o numero de collegas; mas o que me vale é que todos os dias cresce igualmente o numero das loterias e o gosto do povinho pelo jogo.

COPLA

O Zé-povinho é pobre,
Não tem nem pão, nem cobre;
Tem fome a esposa, e o filho
Stá sujo e maltrapilho;
Porem p'ra loteria
Sempre ha qualquer quantia!
Meu Deus, que coisa barbara!
Barbara!

(*Olhando para fóra.*) Heim! que diabo d'isto é aquillo? Não ha que ver, é uma commissão vaccinico-sanitaria... (*Afasta-se.—Entram Dr Alcatrão, Dr. Phenol, Dr. Amoniaco, Dr. Caparosa, Dr. Bromureto e outros doutores, acompanhados*

do Auxiliar, que vem munido de baldes, seringas, etc.)

CORO

Presurosa
E afanosa
Cá vem a commissão,
Cumprir sua missão!
Somos a providencia
Deste grande paiz!
Além de ter sciencia
Nos temos bom nariz!...
Presurosa, etc.

(*Saem a commissão e o Auxiliar.*)

SCENA VI

CHRISPIM, depois GREGORIO, BERGAÑO, depois
O CRIADO.

CHRISPIM, só.

Vamos e venhamos... foi uma boa idéa!...
Este anno, com certeza não teremos febre amarilla.— Ah! ahí vem o homem da abobora.

GREGORIO, *entrando muito pezaroso.*

Ah! seu Bergaño, não tenho esperanças
de enconral-a!

BERGAÑO.

Mas o major tem certeza de haver desembarcado com ella?

GREGORIO.

Toda a certeza! desapareceu na occasião
do sarilho.

CHRISPIM, *aparte.*

Fallam da abobora.

GREGORIO.

Eu daria uma boa gratificação a quem me trouxesse noticias della.

CHRISPIM.

N'esse caso aprompte os cobres, porque eu sei onde ella está.

OS DOUS.

Heim?

CHRISPIM.

Está em poder de um Fulano Romualdo. Hontem, quando o senhor foi preso, ella ficou abandonada na estação..:

OS DOUS, *anciosos.*

Sim! sim!...

CHRISPIM.

Veio então o Romualdo, e levou-a comsigo.

GREGORIO.

E' homem sério?

CHRISPIM.

Homem! parece... Elle já não é criança...

GREGORIO.

Ah! respiro! (*Abraçando Chrispim.*) Meu amigo, o senhor cahio-me do céo!...

CRÍADO, entrando, com uma pequena mesa servida.

Cá está o almoço. Eu trouxe para dous...

BERGAÑO.

Eu ja almocei.

GREGORIO.

E o senhor?

CHRISPIM.

Eu tambem já almocei, e por signal que duas vezes... mas isso não quer dizer nada...

(*Aspirando um prato.*) Hum... está cheiroso!...
Que é isto?

CRIADO.

Carne secca com quiabos.

CHRISPIM.

Bem bom! bem bom!.. (*Destapando outro
prato.*) E isto?

CRIADO.

Carne secca frita.

CHRISPIM.

Com farofa... não e máo! — E aquillo?

CRIADO.

Fritada de carne secca.

GREGORIO.

Homem! não é muita carne secca?

CRIADO.

Oh! mas que carne secca!... Nem o se-
nhor imagina!

BERGAÑO.

Vamos, major... ande com isso!

GREGORIO, *sentando-se, a Chrispim.*

Abanque-se! (*Sentam-se ambos e começam a
comer oom muito appetite. Tarantella na orches-
tro.— Gregorio falla sem deixar de comer.*) Que
barulho é este?

CRIADO, *olhando para dentro.*

E' a commissão sanitaria, que está mettendo
o bedelho em todos os cantos da casa.

(*Vêm-se entrar e sahir, sempre ao som da ta-
rantella, todos os membros da commissão, a correr
de um lado para outro.—No fim da tarentella estão*

todos em scena, e o Auxiliar entra, trazendo uma grande porção de carne secca.—Gregorio e Chrispim, alheios ao que se passa, não têm deixado de comer.)

SCENA VII

GREGORIO, BERGAÑO, O CRIADO, A COMMISSÃO
SANITARIA, O AUXILIAR.

DR. ALCATRÃO.

Ponha essa immundicia na carroça, Sr. Barcellos! (*Sahida falsa do Auxiliar.*)

DR. PHENOL, *para dentro.*

Não admitto réplicas, a carne secca está toda deterioriada, está podre!

GREGORIO, *erguendo-se de um salto.*

Podre! (*Chrispim continúa a comer.*)

DR. ALCATRÃO.

Podre. sim, senhor! (*O Auxiliar volta.*) Olá! que é isto? (*Apona para os pratos.*)

CARISPIM, *com a bocca cheia.*

Carné secca frita... carne secca com quingombô... carne secca...

DR. ALCATRÃO.

Sr. Barcellos, carroça com tudo isto! pratos e tudo, que está infeccionado...

CHRISPIM, *aterrado, sem se erguer.*

Heim?

CRIADO, *protestando.*

Mas, senhores... é o almoço dos hospedes...

DR. ALCATRÃO.

Leve tudo, Sr. Barcellos, leve tudo! (*O Auxiliar junta tudo pelas pontas da toalha e sae.*)

GREGORIO.

Ora esta !... (*Chrispim levanta-se muito triste.*)

DR. ALCATRÃO, para dentro.

Intimo-o a que limpe e desinfecione o receptaculo do esgoto... a que ponha uma torneira d'agua na cozinha... a que abra uma janella no quarto n. 5... a que faça dos quartos n. 7 e n. 9 um quarto só... a que mande cimentar a area e limpar o fogão... e, finalmente, a que pinte de novo toda a casa... isto dentro de quinze dias. O hotel será fechado em vinte e quatro horas, si, findo esse praso, não tiver sido cumprida a presente intimação, que será amanha publicada por extenso.

GREGORIO.

Pobres leitores !

DR. ALCATRÃO.

Vamos !

A COMMISSÃO

Vamos ! (*Motivo da tarantella para a sahida da commissão, que dá uma volta correndo pela scena.*)

GREGORIO.

Agora comprehendo porque me deram um almoço só de carne secca.

BERGAÑO.

Venham almoçar na *Maison Moderne*.

OS TRES.

Vamos. (*Saem.*)

CRIADO, só.

O patrão deve estar desesperado ! (*Sae, levando as mezas e as cadeiras.—Mutaçào*)

QUADRO SEXTO

Uma rua estreita.—A' esquerda, a casa de Venancio; á direita, a de Romualdo; ambas de porta e janella.

Ao levantar o panno, entra do fundo e dá uma volta pela scena, sahindo pelo lado opposto, um côro de frades, carregando em triumpho Ganganelli, que leva na mão uma bandeira em que se lê: a palavra: Victoria.

SCENA PRMERA

GANGANELLI, FRADES.

CORO

Viva Ganganelli,
Nosso illustre defensor!
Nossa grande causa
Não podia estar melhor!
Tão bella victoria
Foi milagre do Senhor!
Viva Ganganelli,
Nosso illustre defensor!

(As vozes perdem-se ao longe.—Continúa por algum tempo a musica na orchestra.)

SCENA II

ROMUALDO, só, *sahindo de casa, com a abobora debaixo do braço e fallando para dentro.*

Thomé! toma conta da casa, negro!.. Olha que vou para longe! vou para o Campo Grande!... *(Descendó ao proscenio.)* Tomei a de-liberação de procurar os parentes de D. Maria, e de uma via faço tres mandados... assisto ao exercicio em Campo Grande e vou á casa do meu amigo Pires, no Realengo, offerecer-lhe a abobora... Elle, que é muito dado á horticult-

tura, ha de apreciar o presente... Ouviste, negro? ...

A VOZ DE THOMÉ.

Si, siô, meu siô... Thomé tá ahi.

ROMUALDO.

Bom! (*Sae.—Ao sahir, encontra-se com Venancio, que entra.*)

SCENA III

VENANCIO, depois QUITERIA, COCOTA.

VENANCIO, *parando admirado.*

Que enorme abobora leva este sujeito! Deste tamanho, nunca vi nenhuma!... (*Acompanha-o com a vista.— Quitéria e Cocota apparecem á janella.*)

QUITERIA.

Ah! lá está elle!... (*Venancio aproxima-se.*)
Que ha de novo? achaste o homem?

VENANCIO, *massado.*

Qual achaste, nem meio achaste... Tenho andado que já não posso!... Ninguem me dá noticias delle.. Corri uma infinidade de hoteis e nada de major Gregorio... As pessoas a quem me dirigi nunca o viram mais gordo...

COCOTA.

Que caiporismo! Cada vez estou mais inquieta... Coitado de diudinho!..

QUITERIA.

Coitado porque? — Elle é homem, e um homem nunca se perde.

COCOTA.

Elle póde perder-se... em conjecturas pelo menos.

VENANCIO.

Mas veja si me dá um outro indicio por onde se possa conhecer o major.

COCOTA.

Que mais quer que lhe diga? — Não é alto nem baixo... gordo nem magro.. claro nem moreno... velho já, mas bem conservado... barba falhada... *(Com uma idéa.)* Ah!

VENANCIO E QUITERIA.

Que é?

COCOTA.

A abobora!

OS MESMOS.

A abobora?

COCOTA.

Elle anda com uma grande abobora de baixo do braço.

VENANCIO.

Uma abobora?! A senhora disse uma abobora?...

COCOTA.

Uma abobora enorme!... deste tamanho!

VENANCIO.

Ah! então foi elle que encontrei alli na esquina, quando vinha ainda agora para cá!... Foi elle, não tem que ver!

QUITERIA.

Seria mesmo?

VENANCIO.

Não ha duas aboboras daquelle tamanho!
Era elle! .. e depois, os signaes combinam.

COCOTA.

E que rumo tomou?

VENANCIO.

Aquelle. (*Indica.*)

COCOTA.

Ah! D. Quitéria, venha, venha commigo!...

QUITERIA.

Atraz da abobora? (*A Venancio.*) Vae tu.

VENANCIO.

Eu, filha?... Mal me posso ter nas pernas,
e ainda tenho a ronda das seis!

COCOTA.

Então! não vê que cada minuto que se
passa é um seculo?...

QUITERIA.

Está bom! vamos lá!... Deixe-me tomar
um banho, mudar o vestido, pôr a panella no
fogo...

COCOTA.

Qual vestido! qual panella!... Vamos assim
mesmo... do contrario não o apanhamos!...
(*Puxa Quitéria para fóra.— Vêm ambas para a
scena.*)

VENANCIO, *durante esse movimento.*

Isso é verdade!... e, mesmo assim, si bem
andou, onde estará elle?

QUITERIA.

Ai, moças, moças! querem tudo dito e
feito!...

COCOTA, *sahindo a correr, puxando Quiteria.*

Vamos, vamos !...

VENANCIO, *acompanhando-as até o fundo.*

Sempre em frente ! (As duas *desapparecem* ; *Venancio desce*) Vou dormir uma somneca até á hora da ronda. (*Vae entrando em casa ; entra Chrispim.*)

CHRISPIM.

Pscio ! comarada !...

VENANCIO, *voltando-se.*

Não quero bilhete, nã .

CHRISPIM.

Não é isso !

VENANCIO.

Então que é ?

CHRISPIM.

Sabe dizer-me ? Não é alli defronte que móra um tal Romualdo ? .

VENANCIO.

Não sei... moro aqui apenas ha dous dias, e ainda não conheço os visinhos. (*Entra em casa.*)

CHRISPIM.

Deve ser alli mesmo. (*Vae ter com Gregorio e Bergaño, que apparecem ao fundo.*)

SCENA IV

GREGORIO, BERGAÑO, CHRISPIM, ao fundo, depois THOMÉ.

CHRISPIM.

Os senhores fiquem aqui no canto... eu vou fallar ao homem como quem não quer a coisa. E' alli que elle mora.

GREGORIO.

Vá, meu amigo, vá!... e conte com a gratificação promettida.

BERGAÑO.

Não perca tempo! (*Chrispim vai bater a porta de Romualdo.*)

GREGORIO.

Queira Deus que a encontremos!

THOMÉ, *dentro.*

Quem tá hi?

CHRISPIM.

Sou eu!

THOMÉ, *dentro.*

Eu, quem?

CHRISPIM.

Eu mesmo!

THOMÉ, *dentro.*

Eu mêmo quem?

CHRISPIM.

Ora é boa! eu!

THOMÉ, *dentro.*

Uê! então eu não tem nome? (*Apparecenáo á janella*) He, he! siô veio não tá hi!...

CHRISPIM, *contrariado.*

Que massô! — Teu senhor não se chama Romualdo?

THOMÉ.

Chama, si, siô.

CHRISPIM.

Dize-me uma coisa: elle não trouxe, hontem á noite, uma abobora para casa? uma abobora muito grande?

GREGORIO, *no fundo, baixo, a Bergaño.*

Veja si ouve o que elles estão dizendo!
(*Bergaño aproxima-se.*)

THOMÉ.

Trouxe, si siô! é muito bonita! Elle se fechou no quarto co' ella, co' muito ciume.

BERGAÑO, *aparte.*

Caramba!

GREGORIO.

Que!

BERGAÑO.

Scio!

CHRISPIM.

E depois?

THOMÉ.

Logo de menhazinha veio co' ella p'ra sala de jantá, armoçou e sahio.

CHRISPIM.

Com ella?

THOMÉ.

Co' ella, si, siô! — Diz que foi p'rá Campo Grande.

CHRISPIM.

P'ra casa de quem?

THOMÉ.

Eo no sê, no siô.

BERGAÑO, *atirando-se nos braços de Gregorio, que desce.*

Ah! major!...

GREGORIO.

Então! que é isso, seu Bergaño?

BERGAÑO.

Que desgraça! (*Continúa abraçado ao major, até Chrispim dirigir-lhe a palavra.*)

CHRISPIM, *aparte.*

Mas que interesse tomam elles por uma abobora !

THOMÉ.

Bença ! siô no dá nada a seu negro p'ra matá o bicho ?

CHRISPIM, *dando-lhe um vintem.*

Toma lá !

THOMÉ.

Um vintem ! Uê !... siô tá pinga ! (*Desapparece e fecha a janella.*)

CHRISPIM.

Ouviram ?... Elle trouxe-a, fechou-se com ella no quarto... e de mauhan levou-a para Campo Grande.

GREGORIO.

Santo Deus ! por onde ella anda !...

BERGAÑO.

E por onde andou ! (*Com resolução.*) Vamos a Campo Grande !

CHRISPIM.

Hoje já é tarde. (*Rumor fóra, vivas, foguetes, charanga, etc.*) Que será isto ?... Ah ! já sei, é o Nascimento ! — Já agora, fiquemos para ver.

GREGORIO.

Nascimento de quem ? de algum principe ?

CHRISPIM.

Não ! Nascimento do Ceará.

GREGORIO.

Então agora é que o Ceará nasceu ?

CHRISPIM.

Oh! senhor!... trata-se do jangadeiro! do celebre jangadeiro!

GREGORIO.

Não diga mais!... já sei: é o tal da quizzia do compadre Serapião. (*O rumor tem se aproximado.*) Hi! Que de povo!... Vamos cá para o lado: dizem que nestes ajuntamentos ha quem faça da barriga da gente bainha de faca! — (*Vão para o proscenio, á esquerda.—Bergaño está muito triste, e como que alheio a tudo.—Entra muito povo, precedendo o jangadeiro, que vem na jangada carregada a hombros.—Vivas e acclamações.—Um orador surge da multidão, que se espalha pela scena.*)

SCENA V

GREGORIO, BERGAÑO, CHRISPIM, O ORADOR, O JANGADEIRO e gente de todas as condições.

O ORADOR, *batendo palmas.*

Senhores!...

VOZES.

Pscio! psciol... Ouçam o orador!...

O ORADOR.

Senhores, a escravidão é um roubo!...

VOZES.

Apoiado!

O ORADOR.

O vulto que saudamos, e que é alvô...

GREGORIO, *aparte.*

Isso é que não.

O ORADOR.

... desta manifestação... foi um dique, ou antes, uma doca... quero dizer, um paradeiro... aos abusos que se dava no porto do Ceará!...

VOZES.

Muito bem ! muito bem.

O ORADOR.

Milhão e meio de brasileiros são opprimidos pelos grilhões da escravidão, segundo a ultima estatística!... Elles clamam liberdade ! liberdade !... Si *houvessem* muitos homens como este heróe, já teriamos cantado victoria ! e o captiveiro seria apenas um borão na historia do nosso passado ! . .

VOZES.

Apoiado ! muito quem !

O ORADOR.

Assim pois, *cidadões*, bradae commigo :
Viva o jangadeiro !

TODOS.

Viva !

O ORADOR.

Viva a liberdade !

TODOS.

Viva !

O JANGADEIRO.

Viva o povo *fruminense* !

TODOS.

Viva !

O JANGADEIRO.

Viva o *oradô* que acabou de *fallá* !
(*Silencio geral.*)

O ORADOR.

Viva ! (*Risadas e novas acclamações.—Segue a passeiata e desaparece.*)

GREGORIO.

Mas onde vão elles ?

CHRISPIM.

Vão levar a jangada para o Museu. (*Sobe.*)

GREGORIO.

Pois, senhores, eu não perdi o tempo !

BERGAÑO.

O major está que parece não ter perdido a sua afilhada !

GREGORIO, *tranquillamente.*

De certo ! Agora, que sei de tudo, estou mais tranqullo. O tal Romualdo casa, ou leva um tiro !

BERGAÑO.

Casa !... Julga que isso me consola ?

GREGORIO.

Dos males o menor !

CHRISPIM, *descendo.*

Vamos embora ? Aqui não se arranja nada !
— Amanhan pela manhan iremos a Campo Grande.

OS DOUS OUTROS.

Vamos !

CHRISPIM, *sahindo com elles.*

Podemos aproveitar, e assistir ao exercicio...
(*Desapparece, fallando sempre.*)

SCENA V

TRES ABOLICIONISTAS, depois THOMÉ, depois VENANCIO.

TERCETTINO

1º ABOLICIONISTA.

Nós somos a com
Commissão da con
Da Confederação
Que quer a abolição!
Nós somos a com
Commissão!

OS TRES.

Commissão da con
Confederação,
Que quer a abolição!
Bolição!

1º ABOLICIONISTA.

N'esta rua só faltam estas duas casas.

2º ABOLICIONISTA.

Graças á nossa infatigavel dedicação!

3º ABOLICIONISTA.

E á ausencia de escravos nas outras casas.

1º ABOLICIONISTA.

Completemos a nossa grande obra!

OS DOUS OUTROS.

Completemos! (*Vão bater á porta de Romualdo.*)

THOMÉ, *dentro.*

Quem tá hi?

OS TRES.

Nós!

THOMÉ, *dentro.*

Nó quem?

OS TRES.

Nós mesmos !

THOMÉ, *dentro.*

Nó mêmo quem ?

CS TRES.

Ora é bôa ! nós !

THOMÉ, *dentro.*

Ue ! então nó não tem nome ? (*Apparecendo á porta.*) Hê, hê, siô veio no tá hi !

OS TRES.

Siô veio ?

1º ABOLICIONISTA.

E's escravo ?

THOMÉ.

P'ra servi me siô.

1º ABOLICIONISTA.

Que idade tens ?

THOMÉ.

Edade, no sê, nô siô.

2º ABOLICIONISTA, *baixo, aos outros.*

Vejamos si é africano ! (*Alto, a Thomé.*)
Salamaleco ?

THOMÉ.

Salamaleco salam. Bença !

2º ABOLICIONISTA.

O cuô ô ba ba.

THOMÉ.

O cuô ô lê lê, ô ô.

2º ABOLICIONISTA, *erguendo as mãos para o céu.*

E' cidadão africano !

3° ABOLICIONISTA.

Tem rasão, doutor.

1° ABOLICIONISTA.

Como te chamas?

THOMÉ.

Thomé, si, siô.

1° ABOLICIONISTA.

Vem cá!... ajoelha-te.

THOMÉ, *obedecendo.*

Uê!

1° ABOLICIONISTA, *estendendo solememente o braço sobre a cabeça de Thomé.*

Eu te declaro livre... em nome da hã ma-
nidade!

OS DOUS OUTROS.

Muito bem! (*Apertam-lhe a mão.*)

THOMÉ, *erguendo-se interdito.*

Livre! uê!...

1° ABOLICIONISTA, *abraçando Thomé.*

Pódes ir para dentro, cidadão! A' noite, il-
lumina a frente da casa: ha de vir aqui tocar
a banda dos allemães.

THOMÉ, *aparte.*

Hum! hum!... (*Entra em casa e fecha a porta.*)

2° ABOLICIONISTA.

Deixem-me pregar a esta porta o letreiro
que temos pregado a todas as outras.
(*Tira do bolso um letreiro que diz: « Aqui não ha
escravos » — e prega-o á porta de Ramualdo.*)

1° ABOLICIONISTA, *indo á porta de Venancio.*

A ultima! (*Bate.*)

2º ABOLICIONISTA.

Amanhan libertaremos a praia de Botafogo.

3º ABOLICIONISTA.

Começaremos pelas casas do lado do mar.

VENANCIO, *apparecendo á janella.*

Quem é ?

1º ABOLICIONISTA.

Senhor, n'esta rua já não ha escravos!
O senhor é proprietario d'essa mercadoria in-
fame ?

VENANCIO, *hesitante.*

Homem ! eu tenho uma escrava ...

OS TRES, *afastando-se indignados.*

Oh !

VENANCIO.

Mas está fugida ha dezoito annos.

1º ABOLICIONISTA.

Faça um sacrificio, e passe-lhe carta de
liberdade.

VENANCIO.

Com todo o prazer.

2º ABOLICIONISTA, *tirando um papel do bolso.*

Está prompta... falta só preencher este claro
com o nome da escravizada, e assignar. (*Dá-lhe
um papel.*)

3º ABOLICIONISTA.

Aqui tem penna e tinta. (*Dá-lhe. — Venancio
escreve na janella.*)

2º ABOLICIONISTA.

E consinta que eu pregue á sua porta este
letreiro que temos pregado a todas as outras.
(*Faz o que diz.*)

VENANCIO.

Pois não ! (*Emquanto o 2.º abolicionista prega o letreiro e que os dous outros e Venancio estão entretidos a ver essa operação, entra Romualdo, sempre com a abobora.*)

ROMUALDO.

Ora esta !... esqueci-me do dinheiro em casa! (*Vae entrando em casa e vê o letreiro.*) Que é isto ? Minha casa com escriptos ? ... (*Lendo.*) « Aqui não ha escravos. » — Deve ter sido algum gaia-to. (*Arranca o letreiro e leva-o consigo, entrando em casa.— Nenhum dos outros o presentio.*)

1.º ABOLICIONISTA, a Venancio.

Queira illuminar hoje a frente de sua casa. Ha de aqui vir logo tocar a banda dos allemães.

OS TRES.

Nós lhe agradecemos em nome da humanidade. (*Fazem uma mesura e saem, depois de repetir o tercettino.*)

VENANCIO, só, á janella.

Acordaram-me no melhor do somno, para libertar a minha escrava Genoveva, que fugio em 1866, com 62 annos de idade. Si está viva, deve ter 80 !— São quasi horas da ronda.— A mulher lá anda com a outra, atraz do homem da abobora.— Vou vestir a blusa, deitar o bonnet e pôr-me ao fresco, porque já sei que, hoje, a respeito de jantar, nikles! (*Desapparece e fecha a janella.*)

ROMUALDO, sahindo de casa, sempre com a abobora.

Parece que, durante a minha ausencia, houve em minha casa coisas do arco da velha ! Tres

homens libertaram, por um systema inteiramente novo, o meu escravo Thomé, uma reliquia de familia! Outros tres vieram á procura d'esta abobora! — O diabo do negro não soube explicar-me bem a coisa. Tem graça si me accusam de gatunice! e é bem facil!... este objecto está aqui contra a vontade do dono! Bem eu não queria apanhal-o!... Sabe Deus si a estas horas já não me anda na pista algum urbano!... Nada! afoguemos no Canal do Mangue este legume compromettedor! (*Vae quasi a sahir.*)

VENANCIO, *sahindo de casa e vendo-o.*

Oh! o homem da abobora!

ROMUALDO, *aterrado.*

Um urbano!... a abobora!... (*Desata a correr.*)

VENANCIO, *correndo atraz delle.*

Major Gregorio! major Gregorio!... (*Leva um trambolhão e ergue-se.*) Não me escapa! (*Sae coxeando.*)

QUADRO SETIMO

Simulacro de combate. — Musca militar. — Gregorio, Bergano e Chispim, no primeiro plano com outros espectadores. — Bergano chora; Chispim contempla-o admirado.

ACTO TERCEIRO

QUADRO OITAVO

Corredor na academia de Bellas Artes. Um guarda, sentado n'um banco, dorme profundamente. Gregorio entra, muito admirado de não encontrar viva alma.

SCENA PRIMEIRA

GREGORIO, Um guarda.

GREGORIO.

Oh, senhor! pois será possível?! Eu sou o unico visitante da exposiçãõ de bellas-artes! E eu que contava encontrar aqui muita gente, seu Bergaño inclusive— porque... sabem?—perdi-me tambem de seu Bergaño Eu perco-me de toda gente.

COPLAS

I

Palavra que não sou scismatico,
Porém não sei como isto foi;
O proprio diabo nestas magicas
Mettido está—Deus me perdõe!
Do lado meu Cocota— vispora,
E— fogo vistes -- o hespanhol, —
Ella, ao clarão da luz electrica,
Elle, ao clarão da luz do sol!

Esta cidade é sem questão,
Um alcapão!
De um caso assim tão singular
Não sei que pensar!

II

Foi no tal exercicio bellico
Que seu Bergaño se sumio;
O fumo feito pela polvora
Nos envolveu, nos dividio!

N'alguma congestão hepática
A acreditar tudo me induz,
Pois desde então— o caso é celebre!—
A vista em cima não lhe puz!

(*Fallado.*) Já veem os senhores que eu tenho
toda razão quando digo... (*Canta o estribilho.*)

Que esta cidade é, sem questão,
Um alçapão!
De um caso assim tão singular
Não sei que pensar!

Pois, senhores, isto está bonito! ninguém,
heim? Bem se vê que no Brazil ha muito gosto
pela pintura! Já que aqui estou, aproveito e
examino os quadros. Mas o diabo é que não tenho
quem me sirva de cabrion.—Ah! este guarda!
(*Indo sacudir o guarda.*) Camarada!

O GUARDA.

Amm?

GREGORIO.

Acorde!

O GUARDA.

Amm... (*Volta-se para o outro lado.*)

GREGORIO.

Safa! que somno! — Ora adeus! vou-me
embora! Deque me serve olhar para isto como boi
para palacio?

SCENA II

Os mesmos, A ARTE NACIONAL

ARTE.

Eu te servirei de guia.

GREGORIO.

Olá! quem será esta senhora que me trata
com tanta familiaridade e se apresenta tão á fresca?

ARTE.

Sou a Arte Nacional !

GREGORIO

A Arte Nacional ?

ARTE

Sim !

ARIA

De estar attonito
Tu tens razão, amigo meu :
Minha existencia é problematica ;
Mas olha bem, vê que sou eu !

Pelos homens maltratada,
Passo uma vida infernal !
Pobre deusa immaculada !
Pobre Arte Nacional !
Todo o artista brasileiro
Que onde tem sabe o nariz,
Abala para e estrangeiro
Si não quer ser infeliz....
Mas, dado que não abale,
Seja musico ou pintor,
Vale menos do que vale
Qualquer um commendador.
A politica maldita
Tudo amesquinha entre nós !
Vê tu, pois, como ando afflictiva !
Vê tu, pois, que vida atroz !
Pelos homens maltratada, etc.

Vem commigo !

GREGORIO, *ao publico.*

E continúa a tratar-me por tu ! Quem nos
vir ha de julgar que... Pois olhem : nunca lhe
dei confiança...

ARTE.

A presente exposição de pintura é talvez
a mais importante de quantas se tem realisado
no Rio de Janeiro.

GREGORIO.

Devéras ?

ARTE.

Duvidas ?

GREGORIO.

Qual é o melhor dos trabalhos expostos ?

ARTE.

Ha opiniões.

GREGORIO.

Ou *opiniões* — naturalmente.

ARTE.

Ha muito quem prefira a tudo a «Noite» de Pedro Americo.

GREGORIO.

Será melhor que a noite de S. João ?

ARTE.

E' na realidade um quadro bem concebido e bem executado.

GREGORIO.

E' então uma boa noite ?

ARTE.

Verás. Não falta quem diga que esse trabalho é um plagio.

GREGORIO.

Um plagio ? Ah ! sim ! (*Aparte.*) Que diabo será plagio ? (*Alto.*) E é ?

ARTE.

Qual ! - Mas não o disseram por maldade ; foi simplesmente por leviandade.

GREGORIO.

Que gente !

ARTE.

Vaes ver tambem a « Scena da Baviera », a « Partida de Jacob », o « Vidigal », « O Ultimo Tamoyo », « Iracema », e outros quadros, cuja ennumerção seria fastidiosa.

GREGORIO.

A pintura é uma coisa muito bonita; mas com franqueza: eu prefiro-lhe o theatro.

ARTE.

O theatro é tambem uma das minhas manifestações... e eu terei muito prazer em mostrar-te alguns espectaculos. Infelizmente este anno as companhias da terra têm andado muito caiporas.

GREGORIO.

Têm havido companhias estrangeiras?

ARTE.

Oh! Nada menos de sete, a saber: tres italianas...

GREGORIO.

Tres!

ARTE.

Tres, sim. Duas de canto e uma de... (*Faz uma pirueta.*)

GREGORIO, *imitando-a.*

Que quer isto dizer?

ARTE.

Cavallinhos.

GREGORIO.

Ah! disso temos tambem de ver em quando lá na Sacra Familia. — Bem, tres; e as outras quatro?

ARTE.

Uma portugueza, uma franceza e uma ingleza.

GREGORIO.

Uma ingleza tambem? E ia alguem ver os inglezes?

ARTE.

Qual! Era mesm; uma companhia, para inglez ver... Representavam para os bancos.

GREGORIO.

Para os bancos inglezes?— Mas vamos lá! Já agora, si lhe não dá incommodo, mostre-me algum espectaculo da terra.

ARTE.

Nesse caso, vaes ver o unico successo dramatico de 1884: *O Gran Galeoto*.

GREGORIO.

O Gran Galeoto? Que vem a ser o *Gran Galeoto*?

ARTE, *embaraçada*.

Sim... *Galeoto* é... é... Homem, só poderei dizer-t'o em verso.

GREGORIO.

Pois diga; contanto que se entenda.

ARTE.

Pelos modos era fresca
E tinha estampas a obra,
Que liam Paolo e Francesca.

GREGORIO.

Leitura para homens. Provavelmente edição do Serafim.

ARTE.

Dante, o poeta, que era douto,
E tinha disto de sobra
Deu-lhe o nome de *Galeoto*.

(Ao dizer — disto — leva o indicador à testa.
Percebeste ?

GREGORIO.

Perfeitamente. (*Aparte.*) Nem patavina !

ARTE.

O termo não é decente...
Tem um sentido maroto...
Não se diz ao pé de gente...
Eu me explico: o Florentino
Quando falla em *galeoto*
Fallar pôde em Constantino.

GREGORIO.

Ah ! agora percebo ! Constantino !

ARTE.

Mentira embora pareça,
Foi a leitura da obrinha
Que os fez perder a cabeça.
O folheto incandescente
Que tantas letras continha
Foi onze letras somente.

GREGORIO.

Ah ! ah ! ah ! Foi Constantino ! E' boa !

ARTE.

Mostra em verso peregrino
Um escriptor magistral
Que é *galeoto*... ou Constantino,
Toda a massa social.
Por exemplo: o José Dias
E convidado uma vez
P'ra tomar chá com fatias
A' casa do João Valdez.

E' alli tão bem tratado
Que deseja voltar lá,
E, de novo convidado,
Vae outra vez tomar chá.
São tantas as cortezias,
Tanto a familia o distrae,
Que afinal o José Dias
Todas as noites lá vae.
O João Valdez é marido,
A mulher — um mulherão ;
E o Dias — factó é sabido —
O Dias um rapagão.
Entre o rapaz e a senhora
Namoro, juro, não ha ;
Nem elle a ella namora,
Nem ella corda lhe dá.
Mas certa noite o copeiro
A' meza julgou bispar —
Nella — um certo olhar bregeiro.
Nelle — e mesmissimo olhar.
E tanta certeza tinha
Que foi, ás duas por tres,
Communicar á cosinha
A descoberta que fez.

GREGORIO.

Isto de creados !

ARTE.

Indignado, o cosinheiro
Foi dizer tudo ao feitor,
E o feitor ao taverneiro,
E o taverneiro ao padeiro,
E o padeiro ao conductor ;
Este ao barbeiro, e o barbeiro
A todo Rio de Janeiro !
E afinal no mundo inteiro
Corre a calumnia a vapor !

GREGORIO.

Oh !

ARTE.

Emfim, lá vem uma hora:
Tudo acredita o Valdez,
E a esposa, triste senhora!
Põe de casa aos pontapés!
E o Dias, pobre innocente!
Que não a quiz, que a não quer,
Forçado, naturalmente
Toma conta da mulher!

GREGORIO.

Que carga!

ARTE.

Um casamento canhoto
Vem depois disto. E' fatal!
E desse amor é *galeoto*
A sociedade em geral.
Galeotos infelizmente,
Meu Deus! somos todos nós...
E' galeoto toda a gente:
Sou eu...

(A Gregorio.)

Es tu...

(Ao publico.)

E sois vós.

Bem! Agora vamos ao espectaculo.

GREGORIO.

Sim, vamos; porque, palavrinha! a sua
historia abriu-me o appetite. (*Vae sahindo.*)

ARTE.

Vem cá!... Vem cá! Onde vaes tu? O es-
pectaculo se realisarà aqui.

GREGORIO.

Aqui? Como assim?

ARTE.

Pois não vês que sou um ente phantas-
tico?

GREGORIO.

Naturalmente: és a Arte Nacional!

ARTE.

Disponho de um poder occulto. Quando é preciso, zás! (*Faz um gesto. — Forte na orchestra — Ergue-se o panno do fundo e vê-se um theatrinho no qual quatro titeres representam a parodia do Gran Galeoto, annexa ao presente volume.*)

GREGORIO, depois da representação.

Tem muita razão! Isto de metter marmanjos em casa é o diabo! Felizmente eu sou solteiro, e por esse lado estou livre do tal *gran galeoto*, pois na minha idade é provavel que não me aconteça o mesmo que succedeu ao pobre Ernesto. Lá na Sacra Familia eu ia todas as noites á casa do compadre Sarapião, mas felizmente o *gran galeoto* não se lembrou de fallar mal da comadre Felicia.

ARTE.

Não tens curiosidade de ouvir um pouco de musica nacional?

GREGORIO.

Pudéra! si me faz favor...

ARTE.

Deixa lá o homem. (*Gesto. — Forte no orchestra. — Sobe o panno do theatrinho. — Uma vista qualquer. — Aparece um capadocio que, acompanhado por coristas, canta o Arauna. No fim do coro alguns soldados invadem o theatrinho e repellem os cantores. — Cae o panno.*) (1)

(1) Este episodio foi modificado na representação, por conveniências de scena.

GREGORIO.

O *Arauna* provocou uma revolução! Ora o *Arauna* elevado á altura da *Marselheza*!

ARTE.

Que mais desejas? Queres ver um drama nacional, o *Mulato*?

GREGORIO.

Não, porque palpita-me que me ha de incommodar os nervos... Cheira-me a abolicionismo.

ARTE.

Queres o bello drama francez? *Foedora*, o *Mestre de forjas*...

GREGORIO.

Não, de dramas já estou farto. Aquelle *Gran Galeoto* é tão violento, que satisfaz por um trimestre...

ARTE.

Preferes então a comedia fina? A *sociedade onde a gente se aborrece*?

GREGORIO.

Nada! Si fôr tão longa como o titulo...

ARTE.

Então *as Tres mulheres para um marido*?

GREGORIO.

Peior ainda! Si uma só já é de mais! Sabes o que eu quero? E' uma opereta!

ARTE.

Qual? *O Principe Topazio*?

GREGORIO.

Qualquer.

ARTE.

Vá lá! (*E' interrompida por um pintor, que entra, acompanhado por um homem que traz seis quadros carregados.*)

SCENA VII

GREGORIO, A ARTE, O GUARDA, UM PINTOR, UM CARREGADOR.

PINTOR.

Estou desesperado! Não quizeram aceitar os meus trabalhos! Tu, que és a Arte Nacional, chora commigo a injustiça dos homens.

ARTE.

Deixa-me ver os teus quadros.

PINTOR.

Com todo o gosto. (*Mostrando o primeiro quadro.*) Este representa...

GREGORIO.

Um mendigo?

PINTOR.

Não, senhor; um membro do syndicato do café.

ARTE, *aparte.*

Que grande bota!

PINTOR, *mostrando a 2ª tela, que é completamente apparelhada cam tinta verde garrafa.*

Este quadro representa o encouraçado *Riachuelo.*

GREGORIO.

Hom'essa!

PINTOR.

E' tão grande a fragata, que só coube na tela um fragmento do casco.

GREGORIO.

O senhor, si é patriota, deve mandar expor este quadro no Rio da Prata, para metter medo áquella gente. (*Emquanto o pintor vae buscar a terceira tela, ao guarda*) Camarada!

GUARDA.

Amm?

GREGORIO.

Acorde para ver um bocado do casco do *Riachuelo*!

GUARDA.

Amm?...

PINTOR, *mostrando o terceiro quadro.*

Este quadro representa a largueza de certas consciencias, applicada á largura de certas calças.

GREGORIO.

Não entendo!

PINTOR, *mostrando o quarto quadro.*

O pharmaceutico Salsa e Caroba resurge um dia depois de morto. (*Mostrando o quinto quadro.*) O illustre jornalista Lulú Senior, acompanhado pelos seus advogados á barra de um tribunal, onde o arrastaram as intrigas de uma sogra vingativa.

GREGORIO.

Bonito! Mas eu já vi isto na *Revista Illustrada*.

PINTOR.

Sexto e ultimo quadro: Hypocrates, o pae da medicina, examinando um craneo. (*Ao carregador.*)

Leve tudo isto para a rua da Carioca, e espere lá por mim. (*O carregador sae, levando os quadros.*)

GREGORIO.

Pois meu caro senhor, V. S. tem muito talento e eu dou-lhe os parabens.

PINTOR.

* Oh! não m'os dê!... não m'os dê!... Eu não sou o auctor daquelles quadros, apezar de terem sido pintados por mim.

ARTE.

Que queres dizer com isto? São cópias?

PINTOR.

Não. (*Depois de certificar-se de que ninguem os ouve*). Sou espirita!

ARTE E GREGORIO.

Ah!

PINTOR.

Quando tenho que trabalhar, evoco o espirito de um pintor notavel e. . .

ARTE.

Que! Pois aquelles quadros são de pintores notaveis?

PINTOR.

Rubens, Ticiano, Tintureto, Silvio Pellico...

ARTE.

Silvio Pellico?

GREGORIO.

Que espirito evocou V. S. quando pintou a parte do casco do *Riachuelo*?

PINTOR.

Ah! esse quadro é completamente meu! não evoquei espirito algum para pintal-o.

ARTE.

Foi pena !

GREGORIO.

Vejo que é certo o que me dizia o compadre Sarapião na Sacra Família. O tal espiritismo tem aqui muitos fanaticos.

ARTE.

Ih ! não imaginas ! E é pena, porque onde ha muito espiritismo ha pouco espirito.

PINTOR. *formalisado.*

O espiritismo é uma sciencia. Demonstrámo-lo perfeitamente na discussão *apimentada* que ultimamente tivemos.

ARTE.

Em todo caso, é uma sciencia inutil.

GREGORIO.

Ora faça favor, seu espirita : eu gósto de ver para crer. Você é capaz de fazer aqui mesmo, neste momento, uma evocação ?

PINTOR.

Pois não ! Quem quer o senhor que eu evoque ?

GREGORIO, *depois de muito pensar.*

A Mariquinhas Sarmento ... não... essa não !... A Mariquinhas Sarmento ainda póde estar viva !... Meu pae !

PINTOR.

Tem certeza que seu pae é morto ?

GREGORIO.

Infelizmente.

PINTOR.

Muito bem. Concentrem-se...

GREGORIO.

Estou concentrado.

ARTE.

E eu

PINTOR.

E agora, atenção! (*Arregaçando as mangas como um prestidigitador.*) Podem examinar: não tenho nada nas mãos! (*Tira uma baguette do bolso e dirige-se á orchestra.*) Faz favor! (*Musica na orchestra—Gestos do Pintor.*) Une... dune... passe!... (*Surgem por encanto tres espiritos.*) Oh! (*Ao regente da orchestra.*) Faz favor! (*A musica cessa.*) Apresentaram-s: tres!

GREGORIO.

Tres! Senhor, isto é um desaforo! eu não tenho tres paes! (*Reflecte.*)

PINTOR.

Pode ser que tenha um só..

GREGORIO.

Dahi, quem sabe?...

PINTOR.

Mas apresentaram-se tres.

GREGORIO.

Não vejo nenhum.

ARTE.

Nem eu.

PINTOR.

E' que não são mediums videntes. Estão tres espiritos e eu os vejo muito bem.

GREGORIO.

Algum delles se parece commigo?

PINTOR.

Nenhum... mas o senhor parece-se com todes tres...

GREGORIO.

Oh ! (*Os espiritos desapparecem.*)

PINTOR.

Desappareceram ! (*Guarda a baguette.*)

GREGORIO.

Ora meu amigo, boa noite ! O senhor evocou tres espiritos gran-galeotos. (*Commovido.*)
Minha mãe era pobre, mas honrada !

ARTE.

Bem ; não percamos tempo. Vamos ver a exposição. Comecemos por aquella sala. (*Ao pintor.*) Adeus.

GREGORIO, *sahindo muito impressionado.*

Tres ! quem sabe ? (*Saem.*)

PINTOR, *referindo-se ao guarda.*

Como dorme este typo ! Ora espera ! (*Gritando-lhe ao ouvido.*) Fogo !... Fogo !... (*Foge. — O guarda accorda sobresaltado.*)

GUARDA.

Heim ? .. Fogo !... Onde é o fogo ?... (*Sae apitando e correndo.*)

QUADRO NONO

No Derby Fluminense

A scena representa parte da raia.

SCENA PRIMEIRA

1º APOSTADOR, 2º DITO, UM JOCKEY, UM PROPRIETARIO,
UM AMIGO, COCOTTES, APOSTADORES, POVO, etc.

CORO

Ai ! toda esta gente
Das corridas gosta

E fica contente
Si ganha uma aposta.
Perde o Triumphanté,
Cáe o Gengiskan,
Empaca o Almirante,
Vence o Talisman.

UNS.

Já são onze e meia.

OUTROS.

Tempo é de apostar.

UNS.

Quem estiver de veia
Muito ha de ganhar.
— Quem ganha a primeira ?

OUTROS.

Vae ganha, Içá.

TODOS.

Só por maroteira
E' que ganhará.
— Ai ! toda esta gente, etc.

1° APOSTADOR, *de programma e lapis.*

Vou no Aymoré e dou os outros !

2° DITO.

Isso até eu e dou lambugem.

1° APOSTADOR.

Dá lambugem ? De quanto ?

2° DITO.

Cincoenta por vinte cinco.

1° APOSTADOR.

Nada ! Eu sou Aymoré tudo !

2° DITO.

Então vou bater a outra freguezia. (*Afastase para o meio do povo.*)

1º APOSTADOR.

E esta ! Que esperta lhão ! Quer comer pela certa ! (*Vae para o meio do povo.*)

O PROPRIETARIO, *trazendo o jockey ao proscenio.*

Entendeu ?

JOCKEY.

Yes.

PROPRIETARIO.

Você na curva aperte o Aymoré para Içá ganhar.

JOCKEY.

Yes. E Eucharis ?

PROPRIETARIO.

Não tenha medo. Eucharis vem na bagagem.

JOCKEY.

Yes.

PROPRIETARIO.

Ande, vá para o ensilhamento e bico !

JOCKEY.

Yes. (*Sae.*)

1º APOSTADOR, *gritando no meio do povo.*

Sou Aymoré e dou os outros ! Cincoenta por trinta !

PROPRIETARIO, *a um amigo.*

Pegue-lhe !

AMIGO.

Mas...

PROPRIETARIO.

Pegue-lhe para mim, e não diga nada.

AMIGO, *indo ao 1º apostador.*

E' commigo !

1º APOSTADOR.

Está feito ! (*Casam as apostas e depositam o dinheiro em mão de um terceiro.*)

SCENA II

OS MESMOS, VENANCIO, á paizana, QUITERIA E COCOTA.
COCOTA, *discutindo.*

Com certeza era elle que estava naquella baia por onde nós passámos.

VENANCIO.

E esta, dona ! pois seu padrinho havia de estar na baia ?

COCOTA.

E porque não ? Havia lá muita gente ! E depois, eu conheço Dindinho; gosta de cavallos como quê ! Em vendo uma estribaria, embarafusta por ella dentro. Era elle !

VENANCIO.

Que mania !

COCOTA.

Cada vez estou mais desesperada. Já passei um telegramma a seu Serapião: nem dindinho nem seu Bergaño appareceram na Sacra Familia.

QUITERIA.

Vae sempre ver... póde ser que seja elle que esteja na baia...

VENANCIO.

Vou perder meu tempo dos diabos ! A *poule* está quasi a fechar e eu não jógo.

COCOTA.

Talvez assim seja melhor... si ha de perder...

QUITERIA.

E' o que sempre lhe *assuccede...*

VENANCIO.

Perder no Aymoré e em mil e quatrocentos metros!

COPLA

O publico resmunga
E falla do Aymoré,
E diz que qualquer punga
Passar lhe póde o pé!
Nada ha que mais me zangue
Do que injustiça tal;
O pobre do animal
Tem mais de meio sangue.
Por causa do Aymoré
Serei capaz até
De um grande sacrificio,
Porque meu patricio
Bem sei que elle é.

COCOTA, *impaciente.*

Está bom, seu Venancio; si não quer ir vou eu. Bem* diz o ditado: Quem quer, vae; quem não quer, manda.

VENANCIO.

Vou... vou.. que remedio! Sigam vocês para a archibancada geral. Na porta de cá está o Mendes... (*A Quiteria.*) Tu fallarás com elle para deixal-as entrar sem bilhete. Tambem é o que me vale: venho de graça ás corridas, embora traga a familia.

QUITERIA.

Vamos... D. Aquella...

COCOTA.

Vamos. (*Sahindo, a Venancio.*) Na segunda baia, onde está um cavallo castanho.

SCENA III

OS MESMOS, MENOS QUITERIA e COCOTA.

VENANCIO.

Vamos lá ver o padrinho da moça. (*Vae a sahir.*)

O AMIGO DO PROPRIETARIO.

Não quer fazer uma apostinha?

VENANCIO.

Pois não! Fico com o Aymoré e dou o resto.

O AMIGO.

Com lambugem?

VENANCIO.

Vá lá! Dou dez por oito!

O AMIGO.

Dito! (*Casam o dinheiro. Ouve-se um toque de campainha electrica.*)

VENANCIO.

Oh, diabo! Vae fechar-se a poule! Nada! fica para logo o major Gregorio! (*Sae a correr.*)

O AMIGO.

Bravo! Já arranjei duzentos mil réis a favor do Içá! Estou vendo que na poule o negocio sae torto. Parece que todos sabem da combinação. Vou ver como vae a coisa. (*Sae.*)

1º APOSTADOR.

Os animaes não tardam! Vamos ver a sahida! Si o juiz não andar direito, dou-lhe uma vaia como nunca levou! (*Saem todos pouco a pouco para o lado da poule.*)

SCENA IV

GREGORIO, com o guarda-sol aberto, depois
BERGAÑO.

GREGORIO, *entrando a enxugar o rosto.*

Nada! n'outra não cae o filho de meu pae, ou de meus paes, si é certo o que disse o homem dos espiritos. Que calor, que sol! Mettyme n'uma baia para ter um pouco de sombra, mas nem lá me deixaram. Fizeram-me segurar um cavallo, julgando que eu era p'ra ahí um qualquer coisa. Puz-me ao fresco, e estou suando como um damnado. Todo eu sou agua! O tal prado Villa-Isabel faça-me favor! Só o amor do joguinho é que póde fazer com que seja aqui tão animado este divertimento! E' um Deus nos accuda! Prado aqui, Derby além, Rink acolá, Boat-Rink, Foot-Rink... Rinks dos diabos que os carreguem! Corridas de cavallo, corridas de sendeiros, corridas de aranhas, de velocipedes, de homens, de meninos... E' um não acabar! Um sorvedouro de dinheiro, é o que é! (*Vae ao fundo e olha para fóra.*)

BERGAÑO, *entrando, tambem de guarda-sol aberto.*

Disseram-me no hotel que elle tinha vindo para as corridas. Ora Senhor! aquelle major não toma juizo! O homem perde uma afilhada como quem perde um cigarro!

GREGORIO, *voltando-se.*

Não posso mais! Si aqui fico, morro! Vou para a cidade! (*Desce o dá um encontrão em Bergaño, que sobe.*)

D UETTO

JUNTOS.

Você está cego ? !

GREGORIO.

Que bruto !

BERGAÑO.

Senhor !...

JUNTOS.

Que vejo, ó céos !

GREGORIO.

Seu Bergaño !

BERGAÑO.

O Major !...

JUNTOS.

Emfim cá } estou,
 } está, não é sem tempo.

São e salvo, louvado Deus !

Já lá se váe o contratempo !

Venha, } major,
 } Bergaño, aos braços meus !

(Abraçam-se longamente.)

GREGORIO.

Então por onde tem andado ?

BERGAÑO.

Não é capaz de adivinhar !

Major, estive engaiolado !

GREGORIO.

Commigo, aposto, quer brincar !

Mas como foi engaiolado ?

BERGAÑO.

De uma maneira singular:

Eu estava muito descuidado

Quando um garboso militar,

Fanfarrão (Bis)

Deu-me ordem de prisão !

GREGORIO.

Deu-lhe ordem de prisão !

BERGAÑO.

E todo muito impertigado
Me conduzio para a estação !

GREGORIO.

Isto é devéras engraçado !

BERGAÑO.

Veja, Major, que amollação !
Tres dias la fiquei guardado !

GREGORIO.

Porém... meu Deus porque rasão ?

BERGAÑO.

Vae ficar embasbacado !

GREGORIO.

Queria os pontos por nos is

BERGAÑO.

Major, eu fui recrutado !

GREGORIO.

Recrutado ? que me diz ?!...

BERGAÑO.

A verdade, meu major.

GREGORIO.

Recrutado ?

BERGAÑO.

Sim senhor !

GREGORIO.

Foi recrutado ?

BERGAÑO.

Fui, sim, senhor !

AMBOS.

Ah ! ah ! ah ! ah !

Meu Deus ! } fui
 } foi recrutado !
Caso mais engracado
De certo que não ha !
Ah ! ah ! ah ! ah ? ah ! ah !

GREGORIO.

Recrutado?... Mas si não ha recrutamento?

BERGAÑO.

Ha ou não ha?... Eis a questão!

GREGORIO.

Dizem as declarações officiaes que não ha.

BERGAÑO.

E eu, que fui engaiolado, apezar de ser estrangeiro, digo que ha. Mas deixemos de parte o que me diz respeito, e tratemos de D. Cocota. Já soube onde está? Que é della?

GREGORIO.

Tenho ido um milhão de vezes á procura do tal Romualdo, e nada! O homem ainda não voltou á casa... Telegraphiei ao compadre Serapião: Cocota não está lá, mas telegraphou-lhe tambem, perguntando por mim.

BERGAÑO.

Que diabo! Só vejo um remedio...

GREGORIO.

Comtanto que não seja a herva virgiliana... O caixeiro do Caboclo já morreu.

BERGAÑO.

A terra lhe seja leve.—O unico recurso é ir á imprensa.

GREGORO.

A' imprensa?

BERGAÑO.

Sim, senhor, e é para admirar que, intelligentes como somos, não nos tivesse accudido este recurso... Vamos á imprensa!

GREGORIO.

Já ?

BERGAÑO.

Sem perda de um minuto !

GREGORIO.

Emfim... (*Sahindo com Bergaño.*) Ora, Senhor ! não teria sido melhor que eu fosse passar o Reis na fazenda do barão de Piragimimbaua ?...

SCENA V

OS PERSONAGENS DO QUADRO, MELHOS GREGORIO e BERGAÑO.

Musica na orchestra ; rumor e vozes confusas.

UMA VOZ.

Partiram !

OUTRA.

Aymoré na frente !

OUTRA.

Içá vae ganhando terreno ! (*Entram todos para ver a corrida.*)

OUTRA VOZ.

Que escândalo !.. O jockey do Aymoré está apertando !

TODOS.

Oh !

VOZES.

Patota !... patota !...

2º APOSTADOR.

E' com certeza Içá !... Isto só a páo !... (*Sussurro crescente.*)

1º APOSTADOR.

Olhem só !... Quasi que abancou o cavallo !... Fóra !... Fóra !... (*Passam pelo fundo,*

d disparada, tres cavallos; o primeiro, montado por um jockey de escarlata; o 2º logo atraz, pelo jockey de azul, que figurou na scena; o 3º, muito distanciado, por um jockey de cor de rosa.)

VOZES.

Patota!... Nulla!... Está nulla!... (*Grande tumulto, gritos, apitos, applausos.*)

VENANCIO, *entrando e arrastando Quiteria e Cocota.*

Vamos!... Vae haver um rollo dos diabos! Safe-se quem poder!

QUITERIA.

E perdeu tudo! Você não toma mais juizo, homem! Lá se foi o ordenado!

VENANCIO.

Pois quem podia suppor que o Aymoré...

COCOTA.

E dindinho, seu?

VENANCIO, *fóra de si.*

Ora o dindinho!... Não me aborreça com o dindinho!... O dindinho agora é o Aymoré!... (*Soem a correr. Tumulto crescente. — Pancadaria. Gritos de: Patota!... Nulla!... E' desaforo! etc.*)

MUTAÇÃO

QUADRO DECIMO

Sala rica no palacio da Imprensa.

SCENA PRIMEIRA

O ANNUNCIÓ, depois A PUBLICAÇÃO A PEDIDO.

O ANNUNCIÓ, *entrando e olhando dolorosamente para a esquerda.*

Pobre senhora!... Pobre imprensa! De vez em quando é isto! São uns filhos atraz dos outros!

COPLAS

I

Faz pena ver que a todo instante
Um filho ao mundo a imprensa dá,
E que se diz interessante
O estado em que elle sempre está.
Ultimamente, quẽ conjuncto !
Tres filhos teve de uma vez:
O *Fluminense*, que é defunto,
O *Popular* e o *Portuguez* !
Da *Distracção* fallar não quero,
Nem da *Gazeta Universal*.
Meu Deus, lamento, e sou sincero,
Que tenha a imprensa nacional
Tamanha bossa maternal !

II

Nascem as folhas doentias,
Prazer á mãe bem poucas dão ;
Si não de mal de sete dias,
Morrem, meu Deus ! de inanição.
Todas se vão ; si todavia
Consegue alguma se aguentar,
Ai Jesus ! soffre de anemia
Que não lhe permite engordar...
Mas tenho fé e em Deus espero
Que ha de acabar tão grande mal !
Meu Deus, lamento, e sou sincero etc.

Ahi vem minha irman, a Publicação a Pe-
dido. Vae dar-me noticias da doente.

PUBLICAÇÃO, *entrando, com uma chicara de caldo.*

Oh ! mano Annuncio !

ANNUNCIO.

Como vae a patrôa ?

PUBLICAÇÃO.

O momento aproxima-se. Está para cada
instante.

ANNUNCIO.

Então não passa de hoje?

PUBLICAÇÃO.

Com certeza.

ANNUNCIO.

E corre tudo bem?

PUBLICAÇÃO.

Vae indo, vae indo, mas não sem difficuldade. O pequeno parece que é grande. Tornára já que chegue o doutor Ruybarbo.

ANNUNCIO.

E como se ha de chamar o pequeno?

PUBLICAÇÃO.

Pois ainda não sabes? *O Paiz*.

ANNUNCIO.

Realmente deve ser grande, para dizer o nome com o tamanho. E a patrôa está animada?

PUBLICAÇÃO.

Aquillo para ella não é nada!... Já tem tido tantos! E cada um!

ANNUNCIO.

Sabes o que tenho reparado? E' que quanto maiores elles são, mais depressa morrem.

PUBLICAÇÃO.

Naturalmente: precisam de mais leite, e as amas aqui são tão caras! Sinto possos... E' provavelmente o doutor...

ANNUNCIO.

E' elle mesmo.

SCENA II

OS MESMOS, O DOUTOR, *trazendo uma tira de papel de extensão exagerada.*

DOUTOR.

Então?... como vae a senhora?

PUBLICAÇÃO.

Está á sua espera. E' tempo... Olhe, leve-lhe este caldo. (*Dá-lhe a chicara.*)

DOUTOR.

Vou vel-a. (*Vae sahindo arrastando a tira de papel*)

ANNUNCIO.

Que é isto?

DOUTOR.

E' o artigo de fundo! (*Sae.*)

SCENA III

ANNUNCIO, PUBLICAÇÃO A PEDIDO, GREGORIO, BERGAÑO.

GREGORIO, *fóra.*

Dão licença?

ANNUNCIO.

Já começam as visitas. (*Alto.*) Entre quem é. (*Gregorio e Bergaño entram.*)

GREGORIO.

Está em casa a Sra. D. Imprensa?

ANNUNCIO.

Está em casa, mas de cama.

BERGAÑO.

Doente?

ANNUNCIO.

Doente e não doente.

GREGORIO.

Como se entende isso ?

PUBLICAÇÃO.

Doente porque está de cama e com dores ; não doente porque não tem molestia.

GREGORIO.

Percebo ; do mesmo mal se queixava minha mãe no dia em que eu nasci.—E eu que julgava que a Imprensa já não estava em idade de ter filhos

ANNUNCIO.

Ora essa ! Todos os annos tem uns poucos .

GREGORIO.

Caspité !

PUBLICAÇÃO.

Este anno teve nada menos de dous filhos diarios...

GREGORIO, *vivamente.*

Dous filhos por dia ?

ANNUNCIO.

Não, senhor ; dous filhos que são diarios. E duas meninas gazetas...

GREGORIO.

Ah !.. Como se chamam elles e ellas ?

PUBLICAÇÃO.

Fluminense, Portuguez, Universal e Popular. Consta-me que o primeiro já esticou a canella.

GREGORIO.

Mas, ainda que mal pergunte, quem é V. S.?

ANNUNCIO.

Pois não me conhece ? Eu sou o Annuncio !..

GREGORIO.

Devéras ?.. Oh ! o Sr. é uma potencia !

ANNUNCIO.

Isso sou... Por toda a parte se vê o vestigio da minha gloriosa passagem : no jornal, na revista, no livro, no banco do jardim, no kiosque, no bond, nas paredes...

GREGORIO.

E até no muro do convento da Ajuda ! (*Ben-zendo-se.*) Padre, Filho e Espirito Santo ! (*A' Publicação.*) E a Sra. quem é ?

PUBLICAÇÃO.

Eu sou a Publicação a Pedido.

GREGORIO.

Ah !

BERGAÑO.

E' então impossivel fallar hoje a D. Imprensa ?

PUBLICAÇÃO.

Si quizerem esperar...

GREGORIO.

O diabo é que estamos sem vintem... Vimos com escala por uma kermesse, e...

PUBLICAÇÃO.

Nesse caso, melhor será que voltem outro dia... principalmente si se trata de coisa que me interesse a mim ou a meu irmão...

ANNUNCIO.

Pas d'argent, pas de suisses.

GREGORIO E BERGAÑO.

Bonito !

GREGORIO.

Eu não sei francez, mas entendi perfeita-
mente ..

ANNUNCIO.

Ah! cá está o recém-nascido.

OS DOUS.

Ah!

SCENA IV

Os mesmos, O PAIZ, O DOUTOR.

O PAIZ, *entrando, vê o Annuncio e a Publicação, e corre a abraçar-os.*

Ah! os meus mais prestimosos alliados! (*To-
mando as mãos do Annuncio e da Publicação.*) Es-
pero que nunca me abandoneis!

OS DOUS.

Nunca!

PAIZ.

COUPLET

Quem das cinzas
do *Cruzeiro*
Prazenteiro
Renasceu,
Ser diverso
Do defunto
No bestunto
Resolveu.
Mesma casa.
Mesmo typo
Participo
Que terei;
Mas carrança,
Morrinhento,
Pirracento
Não serei!

P'ra colher as sympathias
Bella idéa já me assalta ;
Eu serei em poucos dias
Cavalheiro de Malta !
Quem das cinzas, etc.

DOUTOR, a Gregorio.

Veja ! Acaba de nascer e já é daquelle tamanho ! (*Sahida falsa da Publicação.*)

GREGORIO.

E' o caso de dizer: *beatus venter !*

BERGAÑO.

Mas que diabo é isto ? Um barril ?

PAIZ.

Um barril, sim !.. Ou antes —um emblema !
uma couraça !... um escudo !.. (*Batendo no barril.*)
Isto representa o firme proposito, em que me acho,
de me ligar ao Centro Commercial de Seccos e Molhados,
para declarar guerra de morte aos vinhos artificiaes.

DOUTOR, *aproximando-se e interrompendo-o.*
Perdão, eu...

PAIZ, *afastando-o com um gesto.*

A uva insurge-se contra o pão campeche ! o
nectar contra a tisana ! o balsamo contra o veneno !
a rua Direita contra a rua do Areal !

GREGORIO.

Perdão ; mas o paiz... (eu quando digo — o
paiz—, não me refiro ao menino)... o paiz póde produzir
bom vinho, sinão de uva, ao menos de maçan,
de banana, de cajú, de...

PAIZ.

Ta tá ta ! Não barateie assim o nome do
licor do pae Noé. Essas drogas nada têm que ver
com a preciosa bebida que se chama vinho !

GREGORIO.

E' verdade que no meu tempo vinho vinha de vinha, que da vinha provinha o vinho, e que sem vinha não havia vinho.

PAIZ.

Portanto, o cajú, por exemplo, si der alguma coisa...

GREGORIO.

Deve ser o cajuinho !

DOUTOR.

Eu tomc a liberdade de observar que a minha penna está ao seu dispor, mas não para tratar de seccos e molhados. Quero occupar-me exclusivamente de questões sociaes... e principalmente do problema da emancipação dos escravos ..

PAIZ, *friamente, estendendo-lhe a mão.*

Passar bem.

DOUTOR.

Que quer dizer ?

PAIZ.

No mi gusta !.. Póde retirar-se.

DOUTOR.

Pois viva ! (*Sae.*)

GREGORIO, *em confidencia.*

Olhe, menino, você perdeu uma grande cabeça !

PAIZ.

Hei de achar outra... a de um defunto... e essa fará a minha fortuna, com ou sem calotte. Por emquanto arranjo-me com Ignotus... E depois, tenho cá uma idéa... Que é preciso para fabricar bom vinho ?

GREGORIO.

Boa uva.

PAIZ.

E para bebel-o ?

GREGORIO.

Boa bocca.

PAIZ.

Pois é o que procurarei ter de melhor : bocca e uva.

BERGAÑO.

Ah ! (*Desmaia nos braços de Gregorio*)

TODOS, *correndo para elle.*

Que foi ? que foi ?

BERGAÑO *tornando a si.*

Passou !... (*Depois de um silencio.*) Foi o *ca-
lembourg* do menino !

GREGORIO

Para outra vez previna a gente. (*Rumor fóra.*)

PAIZ

Que é ?

PUBLICAÇÃO, *voltando.*

Senhor, é a maior parte dos jornaes flumi-
nenses que o vêm visitar e cumprimentar pelo seu
feliz nascimento.

PAIZ.

Oh ! os meus amaveis collegas ! Manda-os
entrar. (*A Publicação sae.*) Os senhores que de-
sejam ?

BERGAÑO.

Providencias contra o desaparecimento...

PAIZ, *vivamente.*

Desaparecimento ?.. E' commigo ! Quem foi
que desapareceu ?

GREGORIO.

Minha afilhada, e minha abobora ! Estavam ambas em minha companhia na estação da estrada de ferro...

PAIZ, *interrompendo-o.*

Ah ! julgava que f sse outra coisa ! (*Apon-
tando para o Annuncio.*) Dirija-se a este senhor...
(*Sobe.*)

ANNUNCIO.

Já lhes disse que *pas d'argent*...

GREGORIO.

Bem ; nesse caso voltaremos amanha. Vamos, seu Bergaño.

BERGAÑO.

Não ; já agora, vamos ver os jornaes flumi-
nenses.

PAIZ, *descendo.*

Elles ahi vêm !

SCENA V

GREGORIO, BERGAÑO, PAIZ, ANNUNCIO, PUBLICAÇÃO, e
TODOS OS JORNAES FLUMINENSES.

MARCHA E CORO

Nunca o jornalismo,
Que todo aqui está,
Sombra d'egoismo
Teve nem terá.
Assim, pois, saudemos
O joven *Paiz*,
E votos formemos
Para vel-o fliz

PAIZ.

Minhas senhoras e meus senhores, desejando
corresponder a tanta amabilidade, convido-os a

um banquete no hotel das Paineiras ! Ao mesmo tempo teremos occasião de apreciar a estrada de ferro do Corcovado ao clarão do luar.

GREGORIO.

Oh ! pois ha uma estrada de ferro para o Corcovado ?

BERGAÑO.

Ora essa, major ! pois não sabia ?

PAIZ, *aos dous.*

Os senhores, uma vez que aqui se acham, poderão fazer-nos companhia.

GREGORIO, *a Bergaño.*

Que diz ?

BERGAÑO.

Vamos. Talvez lá encontremos D. Cocota.

GREGORIO.

Tambem é só onde nos falta procural-a.

PAIZ.

Ae Corcovado !

TODOS.

Ao Corcovado !

CANTO

PAIZ.

Repletos de contentamento,
De satisfeitos a saltar,
Saudar um tal melhoramento,
Vamos, collegas, sem tardar !

GREGORIO.

O' seu Bergaño, estou contente !
Inchado estou ! que distincção !
Devia estar aqui presente
O meu compadre Serapião !

BERGAÑO.

Honra tamanha me abarrota,
Honrado assim j'mais me ir !
Mas bolas ! a minha Cocota !
Ao lado meu não se acha aqui !

PAIZ E ANNUNCIO.

Meus collegas. vamos !
Vamos sem tardar !
Que a locomotiva
Não póde esperar !
Boas comezainas,
Vinho especial
Mesmo nas Paineiras
Fornece o Paschoal.
Continuadamente
Corre a viração ;
Ceia-se debaixo
De um caramanchão.
E do Carioca
Beberemos lá
Agua fresca e pura
Como aqui não ha !
Horrido resôa
Da machina o som !
Já nos trilhos de aço
Move-se o vagon !
Habil machinista
Prega-se ao vapor.
E do carro á frente
Vae um conductor !

GREGORIO, BERGAÑO, ANNUNCIO E PUBLICAÇÃO, *imitando*
a locomotiva.

Trehi !... trehi !... trehi !... trehi !...

Para o Corcovado.
Já podemos ir !
Vamos lá subir !

(*Saem todos a correr.*)

MUTAÇÃO
QUADRO UNDECIMO

O Corcovado

No alto, a ponte do Silvestre.— E' noite. Esplendido panorama, illuminado pelo luar. — Na occasião em que a locomotiva atravessa a ponte, cae o panno.



ACTO QUARTO

QUADRO DUODECIMO

Largo do Paço.

SCENA PRIMEIRA

PASSEIANTES, depois GREGORIO, depois UM VENDEDOR
DE PEIXE, depois O GAZ.

CORO.

E' bom passeiar
E ouvir bramir o verde mar!
Que animação
Vê-se em toda esta multidão!
De cá p'ra lá,
De lá p'ra cá,
O pevaréo passeiando está!

CHRISPIM.

Quem quer comprar este bilhete?

CORO.

Quando anda a roda?

CHRISIPIM.

No dia sete!

Eis um numero que me tenta:
Tres mil duzentos e cincoenta!

CORO.

Tres mil duzentos e cincoenta!
E' bom passeiar, etc.

*(Chrispim, depois de vender alguns bilhetes,
fica ao fundo. — Entram Gregorio e Bergaño.)*

GREGORIO.

Seu Bergaño, chegou a occasião de reali-
sar o meu grande projecto.

BERGAÑO.

Que projecto?

GREGORIO.

De fundar uma colonia agricola na Sacra Familia. Vão desembarcar os emigrantes do *North America*... levo-os todos commigo. Que bom! não tenho que lhês pagar a passagem da Europa para o Brazil.

BERGAÑO.

Mas o major já reflectio no que vae fazer?

GREGORIO.

Maduramente! Eu sou homem do progresso!.. Porque diabo não hei de aproveitar a minha fazendola?

BERGAÑO.

O senhor suppõe que os emigrantes se sujeitam a ir trabalhar de parceria com os escravos?

GREGORIO.

Vou libertar todos os meus escravos!

BERGAÑO.

O major?!

GREGORIO.

Sim, senhor. Foi uma idéa que me veio subitamente esta noite. Confesso que as festas abolicionistas... o enthusiasmo do povo fluminense, e agora o corajoso e humanitario programma do ministerio que acaba de subir, me abalaram profundamente. Que diabo! afinal de contas, pensando bem, que direito temos nós de escravisar os pretos, que são filhos de Deus como nós, e de viver á custa do trabalho delles?

O compadre Serapião ha de ir ás nuvens...
mas que me importa! não gostou, gostasse!...

BERAÑO, abraçando-o.

Bravo, major! D'hoje em diante, o senhor
vale mais cento por cento!

CHRISPIM, vendo-os e descendo.

Olá! ainda estão na Côrte?

BERGAÑO.

Que remedio!

GREGORIO.

Ella ainda não appareceu.

BERGAÑO.

Temos sido muito caiporas!

GREGORIO.

Temos ido um milhão de vezes á procura
do tal Romualdo... Ainda não voltou á casa,
desde a ultima vez que lá fomos com o senhor.

CHRISPIM.

Quem sabe si o homem está em casa e ne-
ga-se?

BERGAÑO.

E' verdade! ainda não nos tinhamos lem-
brado disso... e, no emtanto, somos intelligen-
tes!

GREGORIO.

Somos, somos!

CHRISPIM, com resolução.

Vamos até lá?

BERGAÑO.

Vamos!

CHRISPIM.

Mas vamos resolvidos.—Pá, pá pá! —Quem
esta ahi? —Somos nós. O Sr. Romualdo está

em casa? — Não está, não, senhor. — Ah! não está? .. — Porta dentro!

GREGORIO.

Apoiado! Mas, primeiro que tudo, espere-mos os emigrantes.

CHRISPIM.

Que emigrantes.

GREGORIO.

Os do *North America*, que não tardam a desembarcar.

BERGAÑO.

O major é o homem das manias!

O VENDEDOR DE PEIXE, *entrando a chorar.*

Hi! hi! hi!

GREGORIO.

Que é isso? que tem, seu aquelle?

O VENDEDOR.

Maldito *Matteo Bruzzo*! — Hi! hi! hi!

CHRISPIM.

Então o *Matteo Bruzzo* fez-lhe algum mal?

VENDEDOR.

Ninguem quer comprar o meu peixe... por causa dos cadaveres... que appareceram em Angra dos Reis.

BERGAÑO.

Porque?

VENDEDOR.

Dizem que o mar está cheio de microbios... Hi! hi! hi!... sou muito infeliz!

GREGORIO.

Ora aqui está uma victima do cholera. — Veja si apanha alguma coisa do beneficio que se realisou no Imperial Theatro, a cem mil réis por cabeça.

VENDEDOR.

Hi! hi! hi!

CHRISPIM.

Bom! vá vender o seu peixe mais adiante.

VENDEDOR.

Hi! hi! hi! (*Sae ao tempo em que o Gaz entra desesperado.*)

GREGORIO.

Quem será este sujeito tão illuminado?

BERGAÑO.

Olhe que elle ouviu!

O GAZ, *que effectivamente ouviu.*

Mim estar o gaz!

OS TRES.

O gaz!

O GAZ.

Yes! mim estar muito zangada!

GREGORIO.

Porque, monsiú?

O GAZ.

Mim apresenta proposta no Senada, para renova minha contracta de illuminação de cidade... Senada recebe mim como verdadeira gentleman... Mim fica muito contente... Senada approva, mas Camara desapprova, e é preciso funde Senada com Camara...

GREGORIO.

Ah! sim, houve fusão ..

CHRISPIM.

E confusão!

BERGAÑO.

E o resultado?

O GAZ.

Resultada é que Camaras fundidas manda
Gaz planta batatas... e mim fica a ver *Matteo
Bruzzo e North America* !...

OS TRES.

Como assim ?

O GAZ.

Yes ! mim fica a ver navios !

COPLA

Mim estar muito furiosa,
Acabou minha contracta,
E com elle esse mamata
Preciosa !
Edital proposta chama,
Mim de novo quer explora !
English mane, quando chora,
Sempre mama !

(*Ao som ds solo inglez.*)

Bello ! bello ! bello !
Mim ter tudo quanto quero !
Ter minha contaacta
Pintadinha de amarello !

JUNTOS.

O GAZ.

Bello ! bello ! bello ! etc.

OS TRES.

Bello ! bello ! bello !
Gaz ter tudo quanto quer !
Ter sua contracta
Pintadinha de amarello.

(*O Gaz sae dansando ao som do ritornello.*)

GREGORIO.

Pois o Gaz ainda não está satisfeito com o
que lá tem ?

BERGAÑO.

Major, vamos embora, e deixe lá os emigrantes !

GREGORIO.

Boas ! é o que faltava !... Ter o passaro na mão e deixal-o fugir !...

CHRISPIM.

Si me não engano, são elles que alli vêm !

GREGORIO.

São, são ! não ha duvida !... Vocês vão ver como se funda uma colonia agricola !

SCENA II

GREGORIO, CHRISPIM, BERGAÑO, UM INTERPRETE,
EMIGRANTES DE AMBOS OS SEXOS.

CORO

Noi siamo emigranti,
Venuti da lontano
In questo splendoroso
Paese brasiliano.

GREGORIO, *tomando-lhes o passo.*

Monsiús !- Monsiús !...

O INTERPRETE, *com sotaque italiano.*

Que deseja d'estes homens, senhor ?... Eu sou o lingua.

GREGORIO.

O ou a ?

CHRISPIM.

O !... o lingua !—Tambem se diz—o cabeça de casal—!

GREGORIO.

Vocêtes não são los emigrantes que desembarcate do *North America* ?

O INTERPRETE.

Sim, senhor.

GREGORIO.

Pois uma vez que o senhor é o lingua, queira dizer-lhes que eu sou proprietario agricola, e os convido a todos para irem para a Sacra Familia do Tinguá, onde desejo fundar uma colonia sob as condições mais favoraveis. Si aceitam a minha proposta, vão já d'aqui para o hotel do Caboclo e, depois de um bello almoço, de um succulento jantar e de uma noite de rosas em colchão de pennas, partirão amanha, e no Rodeio esperal-os-ha o compadre Serapião, que será avisado por telegramma. —Vamos lá... traduza.

O INTERPRETE, *aos emigrantes.*

Egli mi disse che è proprietario agricolo e che invita tutti voi per andare alla Sacra Famiglia di Tinguá, dove desidera fondare una colonia sotto le più favorevoli condizioni. Se accettate la sua proposta, egli vi condurrà nel hotel do Caboclo, e, dopo una colazione squisita, un pranzo succolento ed una dormita à piume di rose, domani partirete, ed in Rodeio vi aspetterà il compare Serapiano. Questo vecchio é rimbambito, ed a me sembra che dovrete accettare questo divertimento, e poi... e poi... cari amici... filare!

OS EMIGRANTES.

Bene! bene! bene!... accettiamo! .,

GREGORIO.

Aceitam ?

O INTERPRETE.

Aceitam contentíssimos!

GREGORIO.

Então, toca para o Caboclo! — Seu Chrispim, venha connosco, para irmos depois ao Romualdo. (*Aos emigrantes.*) Venite! venite!

OS EMIGRANTES

Eviva! eviva! (*Sahida geral.*)

SCENA III

ROMUALDO, *embuçado da cabeça aos pés.*

Sou eu!... Ha oito dias que estou homisiado no Cubango... Sahi hoje, na esperança de que já se tenham esquecido de mim. Ah! a figura d'aquelle urbano velho persegue-me por toda a parte!... Maldita abobora!... Quem me mandou ficar com ella? — E D. Maria? (*Limpando uma lagrima.*) Desconfio que nunca mais tornarei a vê-la!

UM VENDEDOR DE JORNAES, *atravessando a scena.*

A *Gazeta da Tarde*... trazendo o projecto apresentado ás Camaras!..

ROMUALDO.

O projecto?... — Psio! ó *Gazeta*! (*Compra uma gazeta ao garoto, que sae.*) Eu ando tão alheio a tudo!... Pudéra!... homisiado no Cubango! — (*Lendo.*) Que vejo! livres os escravos maiores de sessenta annos! E Thomé? e o meu velho Tnomé, uma reliquia de familia!... Não temos tempo a perder! Salvemos a nossa propriedade! (*Sae arrebatadamente.*)

SCENA IV

COCOTA, acompanhada por UM JANOTA.

O JANOTA.

Mas, diga-me... não tem medo de andar sozinha?

COCOTA.

Siga o seu caminho, moço... Não bula com a gente!

O JANOTA.

Diga-me onde mora... não seja má!

COCOTA.

Onde moro?... quer saber?... Então chegue-se mais (*Dando uma bofetada ao janota que se aproxima.*) Tome!

O JANOTA.

Oh!

COCOTA.

Quer mais? si quer, diga! (*Persegue o janota que sae correndo.*) Seu Bergaño tinha razão! uma moça não póde andar sozinha nas ruas da Côrte! Eu pratico talvez uma imprudencia... mas que fazer?... Seu Venancio está de cama... D. Quiteria é a enfermeira... e de dindinho, nem novas, nem mandados!... E seu Bergaño?... onde andaré elle?... Eu daria dez annos de vida para vê-lo neste momento! —Lá vem um urbano... Vou pedir-lhe que me ensine o caminho de casa, que já não sei para onde fica. (*Vae ao encontro de Quiteria, que entra vestida de urbano.*)

SCENA V

COCOTA, QUITERIA.

COCOTA.

Camarada !... (*Reconhecendo-a.*) Que vejo ?...
Ah ! ah ! ah !... pois é a senhora ?...

QUITERIA.

Cale a bocca, dona !... deixe disso !...

COCOTA.

D. Quiteria vestida de urbano !... Que pagode !

QUITERIA.

Cale-se, já disse... quer deitar-me a perder ?

COCOTA.

Mas explique-me...

QUITERIA.

Pois não adivinha ? — Seu Venancio está doente... eu faço a ronda por elle, para não se perder o cobre.

COCOTA.

E si houver algum sarilho ?

QUITERIA.

Apito e deito a correr.

COCOTA.

Atraz ?

QUITERIA.

Boas ! adiante.

COCOTA.

Mas porque seu Venancio não mandou parte de doente ?

QUITERIA.

Si mandasse, não acreditariam.

COCOTA.

E' a tal molestta do figado ?

QUITERIA.

Qual figado, qual nada!—De vez em quaado é aquillo que se vê... E a pobre dá mulher que venha rondar!

COCOTA.

E essa roupa de quem é ?

QUITERIA.

Minha !... foi feita mesmo por mim, para estas situações. Mas felizmente está acabada a ronda ! Vamos para casa !

COCOTA.

Vamos !

QUITERIA.

A senhora vá adiante.

COCOTA.

Não, que hão de julgar que vou preza ! Não vou ; mesmo porque não sei o camiuho.

QUITERIA.

Ou isso... a meu lado é que não ! Que haveram de dizer, si vissem um urbano ao lado de uma moça ?... Vamos ! (*Sue. Cocota acompanha-a — A scena vae a pouco enchendo-se de povo.*)

SCENA VI

POVO, 1º 2º e 3º HOMENS DO POVO, depois UM CANDIDATO.

1º HOMEM DO POVO.

São horas do meeting.

2º HOMEM, ao primeiro.

Mas, afinal, que vem a ser meeting ?

1º HOMEM.

Meeting é... é... Ora, Sr. Barbosa!... pois o senhor não sabe o que é meeting?

2º HOMEM.

Não, senhor.

1º HOMEM.

Pois nem eu!

3º HOMEM.

Lá vem o candidato! (*Rumor no povo; vozeria.*)

O CANDIDATO, *entrando a cumprimentar á direita e á esquerda.*

Meus senhores!... meus senhores!... (*Subindo ao chafariz e tomando uma attitude oratoria.*) Fluminenses!... Com este, é o vigesimo meeting que promovo! e não sei si já tive a felicidade de convencer o eleitorado da necessidade da minha eleição!... O paiz precisa de mim como de pão para a bocca!... (*Retiram-se alguns dos circumstantes.*) O grande numero de obras scientificas, mais ou menos volumosas, que tenho dado a lume, é garantia do muito que na Camara Baixa farei pela causa publica. (*Retiram-se outros.*) Alem disso, tenho publicado algumas polkas muito apreciadas nas reuniões familiares... e já fui empresario de um circo de cavallinhos!... Tenho todos os requisitos. (*Retiram-se outros; ficam muito poucos.*) As minhas idéas são bastante conhecidas!... muitas vezes as tenho externado n'este velho chafariz e n'outros; recentemente construidos! (*Retiram-se, os outros; só fica o 1º homem do povo.*) Senhores!... (*O 1º homem do povo olha em*

redor de si e sae.— O orador continúa imperturbavel.) A patria atravessa um periodo climaterico!... é preciso a todo o transe salvar-a!... Só homens como eu poderão deitar hombros a essa empreza, muito mais difficil certamente do que a dos cavallinhos!... (*Vendo que está só.*) Ora bolas, foram-se!?... (*Descendo.*) Sucia de beocios! — Tambem, já não adianto nada! Chegou o momento das eleições, e ahi vem já um telegramma.

SCENA VII

O CANDIDATO, depois, successivamente, DEZOITO
TELEGRAMMAS.

A orchestra toca em surdina uma musica viva.— Os telegrammas entram successivamente e saem, depois de entregar ao candidato outros tantos.padaços de papel, que elle lê em voz alta.

O CANDIDATO.

Tive tres votos! tres eleitores independentes. — O Nabuco eleito. (Eu já contava com isto.) — O Nabuco derrotado! (Noticias desencontradas.) — O Nabuco entra em 2º escrutinio! (E esta!) — O Marianno morto por um tiro! (Morto!) — Quem morreu em S. José foi o Bodé! (Quem é?) — O Rodrigues assassinado! — O Rodrigues não foi assassinado! — Eleito o Canindé! — O Canindé derrotado! — O Matta matado! — (*Agglomeram-se os papeis em suas mãos. Lê com volubildade.*) Desordens no Ceará! — Ceará tranquillo! — Duplicata! — Sangue! — Fraude! — Triumpho! — Bandalheira! — (*Os telegrammas acabam por desapparecer.*) Valha-me Deus!... Tantos telegrammas e tão desencontrados!... Que confusão!

(*Olhando para dentro.*) Ah! alli vêm os meus collegas, derrotados como eu! (*Os candidatos derrotados entram muito tristes e cabisbaixos.*)

SCENA VIII

OS CANDIDATOS DERROTADOS.

POLKA CANTADA

CORO.

Nós perdemos a eleição,
Nosso calculo gorou;
Foi-se de pé para a mão
Tudo quanto Martha fiou!
Oh! que desengano atroz!
Isto faz encavacar!
Ficar vamos todos nós
Nos dedinhos a chuchar!

UM CANDIDATO.

Eu cá para o outra vez serei mais atillado;
Já sei de quanto val promessa de eleitor!
Mas, como ser não pude eleito deputado,
Ao menos vou tratar de ser vereador!

CORO.

Nós perdemos a eleição, etc., etc.

MUTAÇÃO

QUADRO DECIMO TERCEIRO

Sala em casa de Romualdo.— Ao fundo, a porta e a janella do sexto quadro, vistas do interior. A' esquerda, uma cadeira e uma meza cheia de cartas fechadas.

SCENA PRIMEIRA

THOMÉ, depois ROMUALDO.

THOMÉ, *entrando.*

Ha oito dia co'esse que siô véio não vem em casa! Thomé tá có muito cuidado! — Branco que véio cá um rolo de veze, disse que siô

véio não tava em Campo Grande. — Uê! (*Batem á porta.*) Deve ser os home da abobora!
— Quem tá hi?

A VOZ DE ROMUALDO.

Eu!

THOMÉ.

Eu quem?

A VOZ.

Eu mesmo!

THOMÉ.

Eu memo quem?

A VOZ.

Abre, negro; pois não conhêces a minha voz?

THOMÉ.

Uê! é siô véio! (*Indo abrir a Romualdo, que entra.*) Bença, siô?

ROMUALDO, *entrando e desembuçando-se.*

Adeus! — Felizmente ninguem me perseguio! — Thomé?

THOMÉ.

Siô?

ROMUALDO.

Veio alguém procura r-me estes oito dias?

THOMÉ.

Os home da abobora vinha aqui todo o di, cinco, seis veze.

ROMUALDO.

A abobora! sempre a abobora!... Veio tambem um urbano velho?

THOMÉ.

Urbano véio não veio, nô siô.

ROMUALDO.

E D. Maria?

Eh ! eh !

THOMÉ, *rindo-se.*

Falla, negro !

ROMUALDO.

Siá D. Maria tambem não veio, não siô.

THOMÉ.

Vio alguma carta ?

ROMUALDO.

THOMÉ.

Carta tem muita. Todo o dia home do correio trazia vinte, trinta carta.

ROMUALDO.

Trinta cartas ?—São todas de D. Maria !—
Onde estão ellas ?

THOMÉ.

Tá em cima da meza, si, siô.

ROMUALDO, *correndo sóffregamente, para a mesa e abrindo uma carta.*

Bolas ! (*Abre outra.*) Pirolas ! (*Outra.*) Sebo ! (*Abre mais algumas.*) São tudo circulares de candidatos, que me pedem o voto ! (*Examina todas as cartas, abrindo uma ou outra.*) — Ora esta !... malditas eleições ! — Bom ! é tempo de resguardarmos a nossa propriedade.—Thomé ?

THOMÉ.

Siô ?

ROMUALDO.

Vem cá, senta-te nesta cadeira.

THOMÉ.

Uê !

ROMUALDO.

Senta-te ! (*Thomé obedece ; Romualdo tira do bolso um frasco e um pincel, e começa a pintar de preto o cabello branco de Thomé.*)

THOMÉ.

Uê ! que é isso, siô véio ?...

ROMUALDO.

Estou tingindo de preto o teu cabelo... estou te fazendo moço !.. E' absolutamente preciso que, de hoje em diante, sejas menor de sessenta annos... Mas agora reparo : estou sujando a sala com esta droga ! Vamos lá para o quintal

THOMÉ.

Siô véio tá judiando co' Thomé !

ROMUALDO.

Anda ! passa adiante ! (*Contemplando-o.*) Uma reliquia de familia ! (*Sahindo.*) Eu mostrarei aos taes senhores do projecto qual de nós é o mais ladino ! (*Sae com Thomé.*)

SCENA II

CHRISPIM, GREGORIO, BERGAÑO.

CHRISPIM.

Bravo ! bravo ! a porta está aberta !...

GREGORIO, *entrando.*

Pois si está aberta, entremos.

BERGAÑO, *entrando.*

Com certeza o tal sujeito tem se negado.

GREGORIO, *no proscenio.*

E que me dizem dos taes senhores emigrantes do *North America* ?

BERGAÑO.

Não se trata agora de emigrantes, major.

GREGORIO.

Apanharam-se com o pandulho cheio, e por aqui é o caminho !

CHRISPIM.

Só ficou um.

GREGORIO.

E esse mesmo fabricante de figuras de gesso... Entretanto, leval-o-hei commigo... introduzirei a industria na Sacra-Familia. Hei de mandar fazer o busto do compadre Serapião e o da comadre Felicia.

BERGAÑO.

Major, trata-se de procurar quem procuramos.

GREGORIO.

Ha tanto tempo, coitada! Como estará ella, seu Chrispim?

CHRISPIM.

Talvez já tenha apodrecido.

BERGAÑO.

Apodrecido?

CHRISPIM.

Porem o mais natural é que cá o dono da casa lhe tenha passado as engulideiras!

GREGORIO.

Engulideiras?... Oh! homem, veja lá como falla!

CHRISPIM.

Eu tenho visto muita coisa extraordinaria neste mundo, mas uma coisa assim!...

BERGAÑO.

Assim como?

CHRISPIM.

Ao senhor até já vi chorar! — Era bonita, não ha duvida... era grande, era mesmo a maior que tenho visto! mas que diabo! afinal de contas, não merece tanto trabalho nem tanta

mortificação !... Eu gostaria muito della, não nego... principalmente no cozido... mas seria incapaz de dar dous passos para procural-a !

GREGORIO.

O' seu Bergaño, este homem endoideceu !

BERGAÑO.

Yo lo creo !

CHRISPIM.

Pois não ! tanta coisa, por causa de uma abobora !...

BERGAÑO, *comsigo.*

Querem ver que...

GREGORIO.

Mas não se trata de uma abobora : trata-se de uma menina.

CHRISPIM.

De uma abobora menina ?

— GREGORIO.

Deus me dê paciência ! — De uma menina ! de uma moça !...

CHRISPIM.

Sabem que mais ? O homem ali vem ! os senhores entendam-se com elle, porque eu não estou para aturar malucos ! Passem bem. (*Sae.*)

BERGAÑO, *comsigo.*

A abobora ? Haverá cōfusão ?

SCENA III

GREGORIO, BERGAÑO, ROMUALDO.

ROMUALDO.

Quem está ahí ? Quem lhes abriu a porta ? Entra-se assim em casa de um cidadão ?

GREGORIO.

Deixe-se disso! e já para aqui minha afilhada!

ROMUALDO.

Sua afilhada?

BERGAÑO.

D. Cocota!

ROMUALDO, *comsigo.*

D. Maria? Cocota... (*Alto.*) O senhor é padrinho de

GREGORIO.

Diga Cocota, que e como eu a trato.

ROMUALDO.

Perdão, eu ignorava que ella tivesse padrinho.

BERGAÑO.

Tem padrinho e tem noivo!

ROMUALDO, *com um salto.*

Noivo?!?

BERGAÑO.

Eu!

ROMUALDO.

O senhor? noivo de D. Maria?...

GREGORIO.

Diga Cocota!

ROMUALDO.

Ora esta!

GREGORIO.

Agora! o noivo é o senhor!

ROMUALDO.

Eu?... varro!...

GREGORIO.

Ou casa, ou o leva o diabo! — Com esta é a vigesima segunda vez que venho de balde á sua casa!

ROMUALDO.

Ah, eram os senhores? — Mas eu julguei que o motivo fosse outro. — Quanto a D. Maria....

GREGORIO.

Diga Cocota.

ROMUALDO.

Quanto a D. Cocota, ha muitos dias que não sei onde ella está... fugio de minha casa.

AMBOS.

Fugio!?

ROMUALDO, a Gregorio.

O senhor está muito enganado, si julga que sou algum Calino! Quando sua afilhada entrou nesta casa, já tinha corrido Secca e Meca!...

AMBOS.

Senhor!...

ROMUALDO.

O seu primeiro amante, segundo ella propria me disse, foi um tal Gregorio Salgado, que é hoje fazendeiro na Sacra Familia do Tinguá.

GREGORIO.

Esta agora!... (*Avança para elle.*)

ROMUALDO, dando-lhe um empurrão.

Que é? que é? — Escusa de me fallar em casamento porque ella é maior!

BERGAÑO.

Maior?

GREGORIO.

O senhor insulta-me, e quer fugir á responsabilidade!

ROMUALDO.

E' maior, e maior de quarenta annos!

GREGORIO.

Miseravel ! Esse Gregorio Salgado, a quem te referes, sou eu !

ROMUALDO.

Ah ! é o senhor ?... Agora comprehendo tudo !... Quer que eu repare o seu erro !

OS DOUS.

Infame ! (*Avançam ambos para Romualdo que lhes foge, gritando.—Entra Thomé com o cabello meio preto e meio branco, vae para a janella e põe-se a gritar.—Entra Venancio.*)

SCENA IV

GREGORIO, BERGAÑO, VENANCIO, ROMUALDO,
THOMÉ.

VENANCIO.

Quem pede soccorro ? quem pede sooorro ?

ROMUALDO, *aterrado.*

O urbano velho ! (*Vae a fugir ; Venancio deita-lhe a mão.*)

THOMÉ, *aparte.*

Eh ! eh !... siô tá pretado !...

VENANCIO.

O senhor !... Oh ! mas d'esta vez não me escapa ! Sua afilhada está alli defronte em minha casa.

ROMUALDO.

Minha afilhada ?!

VENANCIO.

Sim ; D. Cocota !

TODOS.

D. Cocota !

GREGORIO, *aproximando-se de Venancio.*

Mas eu é que sou o padrinho de D. Co...
(*Reconhecendo-o.*) Venancio das Dores!...

VENANCIO.

Esperem!... gentes!... é o Salgadinho!...
Oh! meu velho amigo! (*Abraçam-se.*) Quinze anos sem nos vermos!... (*Abraçam-se.*) Como estás mudado!... Ah! bom tempo!... hoje vens encontrar-me feito guarda urbano!... Lembra-te da Mariquinhas Sarmento?

GREGORIO.

Cala-te!... A Mariquinhas Sarmento é a unica nuvem que escurece o céu da minha innocente mocidade!...

ROMUALDO.

Mariquinhas... Maria Sarmento... mas é ella, é D. Maria!... é D. Cocota!...

BERGAÑO.

Que trapalhada!

VENANCIO.

D. Cocota está em minha casa. (*A Thomé.*)
O pae!... vae alli defronte e dize a D. Cocota que venha cá.

THOMÉ.

Si siô. (*Sae.*)

SCENA V

GREGORIO, BERGAÑO, VENANCIO, ROMUALDO, depois
COCOTA e THOMÉ, depois A ACTRIZ HERMINIA.

BERGAÑO.

Meus senhores, ha aqui um medonho qui-
próquó: é preciso deslindal-o. Vamos por partes:

Sr. Romualdo, como se chama a senhora que esteve em sua casa?

ROMUALDO.

D. Maria... D. Maria Sarmento

GREGORIO.

Ella. a unica nuvem...

BERGAÑO.

Silencio! — (A *Romualdo*.) O senhor esteve uma noite na estação da Estrada de Ferro, e trouxe comsigo...

ROMUALDO.

Uma abobora, que achei no chão.

TODOS.

Uma abobora!

GREGORIO.

A minha.

BERGAÑO.

Silencio! — Sr. Venancio, como se chama a senhora que está em sua casa?

VENANCIO.

Conheço-a pelo nome de Cocota: é afilhada de um tal major Gregorio.

BERGANO.

Ahi está!

GREGORIO.

Pois o major Gregorio sou eu.

VENANCIO.

Tu?! Ora esta! Eu conhecia-te por Salgadinho, a podia lá...

GREGORIO.

O Prisco me fez major.

VENANCIO.

Nesse caso, D. Cocota...

GREGORIO.

E' minha afilhada !

VENANCIO.

Pois tu é que és o homem da abobora ?

ROMUALDO.

Agora comprehendo tudo: como eu tinha commigo a abobora, o Sr. Venancio tomou-me pelo major Gregorio...

VENANCIO.

Chamei-o uma vez, e o senhor deitou a correr !

ROMUALDO.

Julguei que me quizesse prender por causa da abobora !

VENANCIO.

E nunca mais lhe puz a vista em cima.

ROMUALDO.

Pudéra ! Eu estava homisiado no Cubango !

BERGAÑO, *baixo a Venancio.*

Diga-me uma coisa : o senhor é casado ?

VENANCIO.

Sim, senhor.

BERGAÑO, *respirando, como si o aliviassem de um pezo.*

Ah !

THOMÉ, *entrando.*

Sinhá tá hi, si siô. (*Entra Cocota.*)

SEXTETTO

COCOTA.

Que vejo !? dindinho !

GREGORIO, *abraçando-a.*

Sou eu, meu bem zinho !

COCOTA.

E seu Bergaño tambem !

BERAÑO.

Ai, que saudades, meu bem !

COCOTA.

Como isto foi ? contem-me tudo !
Commigo alli quem foi que deu ?

GREGORIO.

Contaremos por miudo
Tudo quanto succedeu.

COCOTA.

E a sua tísica safou-se ?

BERGAÑO.

Curado está !

GREGORIO.

Curado estou.

COCOTA.

E como vae de sua tosse ?

GREGORIO.

Tudo acabou !

BERGAÑO.

Tudo acabou !

GREGORIO.

Estou muito satisfeito :
Já não tenho catarreiras ;
Mas vim tísico do peito,
E o fiquei das algibeiras !

BERGAÑO.

Quanta alegria !
Quanto prazer !
Todos n'um dia
Tornam-se a ver !

TOPOS.

Quanta alegria ! etc.

GREGORIO.

Venancio, irás commigo
Para a Sacra Familia do Tinguá !

VENANCIO.

Eu te agradeço, amigo,
Pois de pelegas não vou bem por cá.

TODOS.

Quanta alegria!
Quanto prazer!
Todos n'um dia
Tornam-se a ver!

GREGORIO.

Bem ; vamos !

COCOTA E BERGAÑO.

Vamos !

A actriz Herminia apparece ao fundo.

A ACTRIZ HERMINIA

Um momento !

TODOS.

Heim ! A Herminia !...

HERMINIA, aproximando-se da ribalta.

Minhas senhoras e meus senhores, todas as peças deste genero são obrigadas a uma apothese, e os auctores da *Cocota* não quizeram fugir á tradicção. Entretanto, em vez de mandar apresentar-vos a allegoria pelo anjo da humanidade... ou outro anjo qualquer, resolveram incumbir dessa missão uma simples artista. Fui eu a escolhida. A apothese é feita ás tres gloriosas provincias do Ceará, do Amazonas e do Rio Grande do Sul, e á formosa divisa adoptada pelo governo. Está, pois, terminada a revista de 1884, que será na historia ...

TODOS.

O anno da liberdade ! (*Apontam para o fundo.*
Mutação.)

QUADRO DECIMO QUARTO

APOTHEOSE

As províncias do Ceará, do Amazonas e do Rio Grande do Sul estão abraçadas sobre um pedestal. Seguram uma flamela em que se lê em letras de fogo: *Não parar, não recuar, não precipitar*. Thomé ajoelha-se, a orchestra executa o hymno nacional. Cae o panno.

O GRAN GALEOTO

PARODIA

PERSONAGENS

ERNESTO.
D. JULIÃO.

D. SEVERO.
THEODORA.

QUADRO PRIMEIRO

Sala rica

Julião está sentado. Theodora aproxima-se d'elle.

THEODORA.

Em que pensavas ? Estavas
Pensando no nosso Ernesto ?

JULIÃO.

Acertaste.

THEODORA.

E bem pensavas !
Pobre rapaz ! Tão modesto !
Tão altivo e tão honrado !
Tão cavalleiro e tão nobre !
Tão generoso e tão pobre !

JULIÃO.

E' o pae escripto e escarrado.

THEODORA.

Eil-o ahi vem, meu Julião.
(Julião ergue-se. Entra Ernesto.)

JULIÃO.

Ernesto, que tens tu ?

ERNESTO.

Nada.

JULIÃO.

Acho-te um pouco turbada.
A vista...

THEODORA.

Alguma aflicção ?

JULIÃO.

Pezares ? Alguma dor ?
Algum desgosto ?

ERNESTO

Dos meus.

JULIÃO.

Incommodo-te ?

ERNESTO.

Meu Deus !

Incommodar-me o senhor !

— D. Julião, o mundo inteiro

Quer saber o que sou seu:

Eis porque triste ando eu...

JULIÃO.

Pois bem: serás meu caixeiro.

THEODORA.

Aceite.

JULIÃO.

Que queres mais ?

Tens casa, cama aceiada,

Roupa lavada e engommada,

E trinta mil réis mensaes. (*Sae.*)

ERNESTO.

Oh ! não me deve julgar

Por meu character sombrio:

Das expansões me desvio

De amor, porque sei amar.

SEVERO, *entrando, aparte*

Então, heim ?... não é o que eu digo ?

Lá estão, como dous pombinhos,

Ambos no escuro... sosinhos...

(A Julião que entra.)

Ah! Julião, mano e amigo,
Cuidado com o capadocio!...
Não ignora o mundo inteiro
Que Ernesto é teu...

JULIÃO.

Meu caixaero!

SEVERO.

S'tas enganado: é teu socio...

JULIÃO.

E's um Gary, meu irmão!
Mas que mania essa tua:
Queres trazer-me da rua
O lixo para o salão!

(Reparando que Ernesto e Theodora fallam baixinho.)

Fallam-se baixo... Você
Não ouve?

SEVERO.

Creio que ouvi.

JULIÃO.

Porque volvem para aqui
Os dous a vista?... porque?...

SEVERO.

Vaes entrando na rasão...

JULIÃO.

Vou entrando na loucura...
Si a pouca vergonha dura,
Levo tudo a cachação!

QUADRO SEGUNDO

Sala pobre

Estão em scena Julião e Ernesto.

JULIÃO.

Achei o *gran galeoto*
Sob a fôrma de um visconde!

Vou daqui tomar o bonde
E esquartejar o maroto! (*Sae.*)

ERNESTO, *só.*

Desgraça! por meu respeito
Quanta incidente se deu!
E o peor de tudo é que eu
Tenho fama sem proveito!

THEODORA, *entrando.*

Ernesto!

ERNESTO.

Meu Deus! Theodora!...
Que dirá o *gran galeoto*,
Si vir que lhe deu no goto
Vir ao meu quarto, senhora?!

THEODORA.

P'lo que o mundo de mim julga
Tenho um desprezo profundo!

ERNESTO.

Mas atraz da orelha o mundo
Ha muito que tem a pulga...
— Que vem fazer?

THEODORA.

Nada...

ERNESTO.

Nada?

THEODORA.

Só sei que com alvoroço
O auctor do *gran galeoto*
Me fez subir esta escada.

(*Dando pulso.*)

Céos! Sinto passos... E' elle!...

E' meu marido!... é Julião!...

ERNESTO, *levando-a para a direita.*

Alli... vá!... Por compaixão!...

(*Só.*)

Esta mulher é da pelle!...

JULIÃO, *entrando ferido e acompanhado por Severo, a Ernesto.*

Vês?... Por causa da madama
Recebi uma estocada!

SEVERO, *batendo-lhe no hombro.*
Isto não ha de ser nada...

JULIÃO, *a Ernesto.*
Empresta-me a tua cama.

ERNESTO.
D. Julião, meu bemfeitor!

SEVERO, *a Julião.*
'Stás melhor alli na alcova...

ERNESTO, *defendendo a porta.*
Não entre!

SEVERO.
Esta agora é nova!
Pois ha de entrar, sim, senhor!

JULIÃO, *vendo Theodora, que sae do quarto.*
Ella!...

(Dando uma bofetada em Ernesto.)

Toma lá!

SEVERO.
Bem feito!

JULIÃO.

Eu bem sei que não escapo;
Mas, depois deste sopapo,
Posso morrer satisfeito.

(Sae, amparado por Severo.)

ERNESTO.
Para que serve a lealdade?

THEODORA.
Para que serve a innocencia?

ERNESTO.
Nubla-se-me a consciencia,

THEODORA.

Piedade, meu Deus ! piedade !
Conforto, meu Deus ! conforto !

ERNESTO.

Eis-me aqui como o hollandez
Que paga o mal que não fez !

SEVERO, *entrando.*

Contemple a sua obra !...*(Aponta para dentro.)*

THEODORA.

Morto !...

*(Cae no chão sem sentidos. Severo vae aproximar-se della;
Ernesto repelle-o.)*

ERNESTO.

Não se aproxime. Ella é minha,
E ha de sel-o até á cova !
Vou já na Cidade Nova
Alugar-lhe uma casinha !

(Sae, carregando Theodora.)

SEVERO, *só, ao publico.*

Viram este desarranjo ?
Seja o exemplo aproveitado
Por qualquer homem casado
Que metta em casa um marmanjo...

OBSERVAÇÃO

O monologo em verso do quadro III tinha de ser recitado pelo artista Mattos ; entretanto, nas proximidades da representação, por circumstancias que não vêm ao caso, houve uma substituição de papeis, e o de Mercurio foi distribuido a D. Herminia Adelaide. Nessa occasião a segunda folha da presente brochura já se achava impressa, de modo que a paginas 28, onde se lê « actor Mattos », deve ler-se « actriz Herminia », e a paginas 29, onde se lê :

E com designios pacatos,
Do distincto artista Mattos etc.

deve lêr-se :

Mas com feição rectilinia,
Da distincta actriz Herminia etc.

Typographia Mont Alvernia

3 LARGO DA CARIOCA 3

1911

IMPRESSO EM LITOGRAFIA

1911

Typographia Mont'Alverne

3 LARGO DA CARIOCA 3

TRABALHOS DE IMPRESSÃO POR MAIS DIFFICEIS QUE SEJÃO.

Imprime-se notas, facturas, livros, cartões
E ANNUNCIOS EM PRETO E A CORES VARIADAS.

Completo sortimento de letras grandes
para impressão de trabalhos de theatro, circo, etc., etc.

PREÇOS RASOAVEIS.